

**ANL**

**REVISTA DA ACADEMIA**

**NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS**



# **ANL**

**REVISTA DA ACADEMIA**

**NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS**

Nº 39, Vol. 51

Natal/RN, abr/jun – 2014

**REVISTA DA ACADEMIA NORTE-RIO-GRANDENSE DE LETRAS**

Publicação trimestral

**Diretor:**

Manoel Onofre Jr.

**Editor:**

Thiago Gonzaga

**Diagramação e capa:**

CJA Edições

Catálogo na Fonte: Ana Cláudia Carvalho de Miranda – CRB15/261

---

R454

Revista da Academia Norte-Rio-Grandense de Letras / ANL. – V.1, n.1  
(mar. 1951 - ). - Natal: Offset Editora, 1951 - .

Irregular.

Número atual: v.39, n.51, abr./jun.2014.

ISSN: 0567-5995

I. Literatura - Periódico. I. Academia Norte-Rio-Grandense de  
Letras. II. Título

CDU: 8(05)(813.2)

---

Offset Editora

Rua Dr. Barata, 216 - Ribeira - Natal/RN - 59012-370

(84) 3344.3990 - editora@offsetgrafica.com.br

# Índice

## ARTIGOS

### **Até Deus precisa de sinos**

*Diógenes da Cunha Lima*..... 08

### **91 anos da Praieira**

*Leide Câmara*..... 11

### **O “Misto Códice” de Paulo de Tarso Correia de Melo**

*Fábio Lucas*.....19

### **Revista de Cultura Brasileira Potiguar**

*Diva Maria Cunha Pereira de Macêdo*.....21

### **A representação do tempo na obra Os Pássaros da Memória de Diógenes da Cunha Lima**

*Thiago Gonzaga*.....37

### **Exemplo de humanista**

*Manoel Onofre Jr.* .....47

### **Escola Superior do Seridó**

*Jurandyr Navarro*.....52

### **“Tudo o que é bom, dura o tempo para ser inesquecível”**

*Eulália Barros*.....57

### **O canto da fraternidade: pra liberdade, é que Jesus nos libertou**

*Roberto Lima de Souza*.....61

### **A importância do essencial**

*Anna Maria Cascudo Barreto*.....69

### **Dois textos inéditos de**

*Câmara Cascudo*.....76

## POESIAS

### **Florença**

*Dorian Gray Caldas*.....83

### **Lajedos**

*Racine Santos*.....85

### **A Indesejada**

*Racine Santos*.....86

### **Alfabeto ecológico**

*Diógenes da Cunha Lima*.....87

## CONTO

### **A calma do caos**

*Clauder Arcanjo*.....95

## NOVOS ACADÊMICOS

### **Discurso de saudação ao Acadêmico**

### **João Batista Machado por Ticiano**

**Duarte**.....100

### **A Noite do Próximo: Discurso de posse do**

**Acadêmico João Batista Machado**.....104

### **Discurso proferido pelo acadêmico Padre João**

### **Medeiros Filho, saudando o novo imortal**

**Jornalista Agnelo Alves**.....111

**Discurso de posse do acadêmico Agnelo Alves**....117

## NECROLÓGIO

### **América: A claridade de uma estrela**

*Anna Maria Cascudo Barreto*.....126

# Artigos

## Até Deus precisa de sinos

*Diógenes da Cunha Lima\**

**C**âmara Cascudo surpreende dando esse título a um dos seus artigos. O trabalho valoriza o mais simples, belo e significativo instrumento de transmissão sonora. Recordando essa bela crônica, nossa Academia encaminhou ao Poder Público a construção de um símbolo para nossa cidade – um sino para Natal – feito com estrutura em aço e resina e colocado nas proximidades da Ponta do Morcego, sobre o gabião que aponta para o mar. No local já existe uma passarela que se adequaria à visão e audiência do sino. Todo começo de noite, seis horas, ouve-se a alta reprodução do som dos carrilhões das grandes catedrais, como a de Notre-Dame, da Basílica de São Pedro, da Catedral de Chartres. Símbolo da maioria das religiões do mundo inteiro, o sino lembra nascimento, fecundidade e ressurreição. Em perfeita identidade com nossa cidade, atrairia turistas e comoveria os mais sensíveis.

A história dos sinos no Ocidente remonta ao século VI. Antes, aparece na mais remota Antiguidade, na China, e foi usado nos mosteiros budistas, como também foi encontrado no antigo Egito. Os mosteiros beneditinos utilizavam o sino para convocar os monges às orações das horas, na Itália, na Gália e Inglaterra. No século VIII, o Papa Estevão II fez construir uma torre na antiga Basílica de São Pedro, nela colocando três sinos. No século IX apareceram em todas as catedrais e nas igrejas paroquiais. Chega ao Brasil com a colonização. Como a religião era oficializada pelo Estado nessa época, os sinos eram usados, além dos ritos católicos, para anunciar datas da Coroa Portuguesa, como nascimento de príncipes, aclamação de reis e



de gente da nobreza. Com a Independência, os toques limitaram-se praticamente aos ritos religiosos.

Os sinos são um sinal (daí a origem do nome em latim *signum*) e os mais antigos eram feitos em bronze – uma liga de quatro partes de cobre e uma de estanho, adicionando também uma dosagem de ouro ou de prata e outros componentes, para otimizar sua sonoridade, segundo fórmulas secretas guardadas sob sete chaves e passadas de geração a geração pelas famílias construtoras, em geral italianas, alemãs ou portuguesas. Suas formas e pesos variaram muito durante os séculos, mas são considerados instrumentos musicais aptos para alertar e convidar os fiéis para as celebrações comunitárias e mesmo para as orações diárias.

A “linguagem dos sinos” é capaz de transmitir aos moradores informações precisas como as horas, o horário das missas, que tipo de celebração será realizada e por quem: se por um padre (três badaladas), pelo bispo diocesano (sete) ou arcebispo (nove). É possível saber se alguém nasceu ou se alguém morreu, se homem ou mulher. Se houver um incêndio, o sino avisa.

De nada precisar é atributo primeiro da divindade. O Mestre descobre uma Sua carência.

## **ATÉ DEUS PRECISA DOS SINOS!**

Luís da Câmara Cascudo

A frase é uma paráfrase de Chateaubriand. Traduz-se que a Igreja de Deus não dispensará os instrumentos de aviso, chamado, reunindo, alertando seus fiéis. Não há Exército sem clarins. Nem cidade sem comunicações de telefone e rádio. Com a organização da defesa civil vimos o papel salientíssimo das sirenes fazendo a cobertura sonora da população, afastando-a do perigo, disciplinando-a.

Uma propaganda é tão indispensável quanto a produção regular. Propaganda do país e não dos seus dirigentes. Dos produtos e não dos homens. Divulgar livros, filmes,

ideias e fotografias e não retratos individuais com relatórios administrativos. O Conde d'Eu me disse que o grande mal feito à Família Imperial era a bajulação (o príncipe dizia outro nome mais delicado) da imprensa monarquista. Nada irrita mais do que o elogio insistente. Acaba dando vontade de ir-contra, só pelo gosto de discordar.

O general Aristides, o grego que nunca mentira e era expressão mais alta da dignidade moral nas horas crepusculares da Grécia anárquica, foi exilado. Para exilar-se alguém escrevia-se o nome da vítima numa casca de ostra “Ostrakon”, daí a palavra “ostracismo”. Um camponês pediu ao próprio Aristides, que ele não conhecia pessoalmente, o obséquio de escrever seu nome na casca de ostra – Por que desejais exilar Aristides? Perguntou o herói magnânimo – Porque estou farto de ouvir chamá-lo virtuoso, impecável, perfeito.

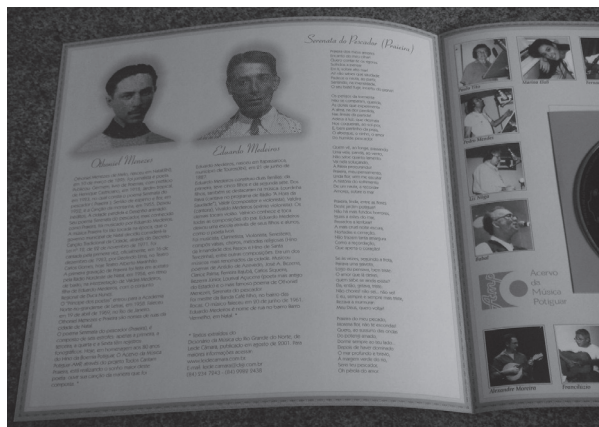
E Aristides, compreendendo, escreveu o próprio nome na ostra que o expulsava da pátria. Americanos e ingleses, com produção industrial e cultural que dispensa corretagem em qualquer praça, mantêm seus adidos culturais e econômicos. Nós achamos que é despesa dispensável. Há poucos anos, agosto de 1940, Leopoldo Stokowski esteve no Rio de Janeiro regendo um conjunto de 18 músicos da Filarmônica da Filadélfia e centenas de rapazes e mocinhas selecionadas entre 15.000 estudantes das Escolas de Música dos Estados Unidos. O conjunto se chamava All American Youth Orchestra e viajava em cruzeiro especial no Good W. II. Muito que bem. Pois, meus senhores, Stokowski, um dos mais populares regentes do Mundo, nunca ouvira falar em Carlos Gomes que nós julgamos mais conhecido que a luz do Sol. Entenderam?

Se a igreja não dispensa a “chamada” dos sinos por que a dispensará o Brasil?

**\*Diógenes da Cunha Lima** é poeta e escritor, presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ex-reitor da UFRN e ex-presidente do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras.

# 91 anos da Praieira

Leide Câmara\*



**A** vida é um curto tempo...

A canção se torna eterna quando toca o coração, como um perfume que seduz e permanece, assim é a Serenata do Pescador, com versos da alma poética de Othoniel Menezes e música do Maestro Eduardo Medeiros, na Canção Hino da Cidade do Natal.

Praieira tem cheiro de saudade de nossa Natal de 415 anos.

A modinha Serenata do Pescador - Praieira completa 91 anos em 2014. Desde 1923 vem sendo tocada e cantada por gerações .Foi cantada no aconchego dos lares, nos salões, nas ruas, nas serenatas para a mulher amada, nos saraus e encontros poéticos, em que se ouviam famosas modinhas de Oswaldo de Souza, Othoniel Menezes, Ferreira Itajubá, Gotardo Neto, Lourival Açucena, Palmira e Segundo Wanderley, Auta de Souza, Gumercindo Saraiva e tantos outros . Passou pelos acordes dos

violões e as vozes de Heronides França, Eduardo Medeiros, Olympio Batista Filho, Deolindo Lima, Afonso Santos Lima, José Maux Júnior, Jayme Wanderley e Evaristo de Souza, que muitas vezes saiam em cortejos de seresteiros da casa da família Maux e desfilavam pelo centro da cidade para a grande celebração das festas da época. Assim como foi a passagem do milênio em Natal (1800), que foi recebida com acordes dos violões em serenata para brindarem a chegada da nova era.

A primeira gravação, em 1956, foi pela Rádio Nordeste, interpretada por Valdira Medeiros, filha do músico Eduardo Medeiros, que gravou, em disco de acetato, apenas duas das seis estrofes, em ritmo de baião, sendo acompanhada pelo regional da emissora. Esse registro, não autorizado pelo autor dos versos, desagradou Othoniel: a Praieira era uma modinha!

Em 1967 foi encenada no Teatro Alberto Maranhão a Opereta “Praieira dos meus amores”, de 24 a 29 de novembro, com o texto do poeta Jaime dos Guimarães Wanderley e música do Maestro Garibaldi Romano.

Por ser tão tocada, a Prefeitura Municipal do Natal decidiu considerá-la a Canção Tradicional da Cidade, através do Decreto-Lei número 12, de 22 de novembro de 1971, propositura do vereador Antônio Félix da Silva, o então prefeito em exercício.

Em 2003, para a comemoração dos 80 anos e atender ao desejo de Othoniel, idealizamos o Projeto “Todos cantam Praieira”, em que foi gravada completa, como modinha e em CD, um disco para lembrar os velhos tempos num encontro de gerações eternizado nas vozes de Paulo Tito e Marina Elali; Fernando Luiz e Odaíres; Fernando Towar e Glorinha Oliveira; Pedrinho Mendes e Terezinha de Jesus; Liz Nôga e Lucinha Lira, Babal e Valéria Oliveira. A gravação foi no Studium Produções de Jota Marciano, com arranjos de Babal. Praieira foi gravada vinte e quatro vezes com belos arranjos (violão, saxofone, flauta, acordeom, entre outros) e grandes intérpretes. Segundo o nosso estimado “Vivi” (Veríssimo de Melo) a música não envelhece, quem envelhece são os arranjos. Seguem-se as gravações:

em 1956 - Valdira Medeiros, 1972 - Madrigal da UFRN, 1975 - Paulo Tito (o incansável divulgador), 1983 - Ivanildo Sax de Ouro, 1985 - Francisco Brasil, 1985 - Lourdinha Paiva, 1993 - Quarteto de Cordas da UFRN, 1998 - Alvimar Farias, 1999 - De Coro e Alma, 1999 - Grupo Sonatal, 2001 - Coral Sons da Terra, 2002 - Bosco, 2002 - Zacarias, 2003 - Projeto todos cantam Praieira, 2003 - Marrocos, 2004 - Paulo Lúcio, 2005 - Orquestra Sanfônica Potiguar, 2006 - Nando Brasil, 2007 - Trio Irakitan, 2010 - Carlos Zens, 2010 - Fernando Towar, 2011 - Khrystal, em 2011 e 2013 - Fernando Towar. Além de cinco reproduções. Curioso é que as estrofes 1ª, 3ª, 4ª e a 6ª foram as mais gravadas, sendo que a 1ª e a 6ª são as mais cantadas. Praieira faz parte do repertório de vários corais do Estado do Rio Grande do Norte e do projeto “Pôr-do-Sol no Potengi”, idealizado por Willian Collier, que acontece às terças, quartas e quintas-feiras, em que é regularmente cantada por Fernando Towar, desde novembro de 2009. Praieira é nome de rua no bairro Lagoa Azul, na Zona Norte em Natal/RN.

Em nosso Acervo da Música Potiguar - AMP, catalogamos vinte e quatro gravações e cinco reproduções de Praieira. Interpretada por diversos músicos e grupos, em diferentes álbuns da canção-hino, que carinhosamente chamo de canção da boemia potiguar, desde a sua primeira gravação de 1956 até 2013.

## Serenata do pescador - Praiaira

### I

Praieira dos meus amores  
Encanto do meu olhar!  
Quero contar-te os rigores  
Sofridos a pensar  
Em ti, sobre alto mar!  
Ai! não sabes que saudade  
Padece o nauta, ao partir,  
sentindo, na imensidade,  
o seu batel fugir, incerto do porvir!

### II

Os perigos da tormenta  
não se comparam, querida,  
às dores que experimenta  
a alma, na dor perdida,  
nas ânsias da partida!  
Adeus à luz, que desmaia  
nos coqueirais, ao sol-por,  
e, bem pertinho da praia,  
o albergue, o ninho, o amor  
do humilde pescador.

### III

Quem vê, ao longe, passando  
uma vela, panda, ao vento,  
não sabe quanto lamento  
vai nela soluçando,  
à Pátria procurando!  
Praieira, meu pensamento,  
linda flor, vem me escutar  
a história do sofrimento  
de um nauta, a recordar  
amores, sobre o mar

#### IV

Praieira, linda, entre as flores  
deste jardim potiguar!  
não há mais fundos horrores,  
iguais a estes do mar,  
passados a lembrar!  
A mais cruel noite escura,  
nortadas e cerração,  
não trazem tanta amargura  
como a recordação,  
que aperta o coração!

#### V

Se às vezes, seguindo a frota,  
pairava uma gaivota,  
logo eu pensava, bem triste:  
O amor que lá deixei,  
quem sabe se ainda existe?"  
ela, então, gritava, triste:  
Não chores! não sei... não sei!  
e eu, sempre e sempre mais triste,  
rezava a murmurar:  
Meu Deus, quero voltar!

#### VI

Praieira do meu pecado,  
morena flor, não te escondas!  
quero, ao sussurro das ondas  
do Potengi amado,  
dormir sempre ao teu lado...  
Depois de haver dominado  
o mar profundo e bravio,  
à margem verde do rio,  
serei teu pescador,  
oh pérola do amor.

A SENEATA DO PESCADOR ( PRAIEIRA )

Poesia de OTHONIEL MENEZES  
Música de EDUARDO MEDeiros

Composta em 1925.

I

Praieira dos meus amôres,  
encanto do meu olhar,  
quero contar-te os rigores  
sofridos a pensar  
em tí, sôbre o alto mar !  
Ai ! não sabes que saudade  
padece o nauta, ao partir,  
sentindo, na imensidade,  
o seu batel fugir,  
incerto do porvir !

II

Os perigos da tormenta  
não se comparam, querida,  
às dores que experimenta  
a alma, na dôr perdida,  
nas ânsias da partida !  
Adeus a luz que desmaia  
nos coqueirais, ao sol-pôr,  
e, bem pertinho da praia,  
o albergue, o ninho, o amor  
do humilde pescador !

III

Quem vê, ao longe, passando  
uma vela, pênha, ao vento,  
não sabe quanto lamento  
vai, nela, solçando,  
a Pátria procurando !  
Praieira, meu pensamento,  
linda flôr, vem me escutar  
a história do sofrimento  
de um nauta, a recordar  
amôres, sôbre o mar !

IV

Praieira, linda, entre as flôres  
dêste jardim Potiguar !  
não há mais fundos horrores,  
iguais a êstes, do mar,  
passados a lembrar !  
A mais cruel noite escura,  
nortadas e cerração,  
não trazem tanta amargura,  
como a recordação  
que aperta o coração !

V

Si, às vêzes, seguindo a frota,  
palrava uma gaióva,  
~~logo eu pensava, bem triste :~~  
--" O amor que lá deixei,  
quem sabe si inda existe ?"--  
Ela, então, gritava, triste :  
--"Não chores ! não sei... não sei!...  
E eu, sempre e sempre mais triste,  
rezava, a murmurar:  
--"Meu Deus ! quero voltar ! --"

VI

Praieira do meu pecado,  
morena flôr, não te escondas !  
quero, ao sussurro das ondas  
do Potengi amarelo,  
dormir sempre a teu lado...  
Depois de haver dominado  
o mar profundo e bravo,  
à margem verde do rio,  
seres teu pescador,  
oh perola do amor !

-Letra autografada por Othoniel Menezes 07/12/1967-



### **Dados biográficos de Othoniel Menezes**

Nasceu em Natal/RN em 10 de março de 1895, na Rua das Laranjeiras, 16, Cidade Alta. Filho de João Felismino de Melo e Maria Clementina Menezes de Melo. Othoniel foi casado com Maria do Carmo Bomfim de Menezes e em segundas núpcias, com Maria da Conceição Ferreira da Silva. Estudou no Colégio Diocesano Santo Antônio e no Atheneu Norte-rio-grandense. Jornalista e poeta, publicou os livros “Gérmen” (poemas), em 1918; “Jardim tropical”, em 1923; “Sertão de espinho e de flor”, em 1952; e “A canção da montanha”, em 1955. Deixou inéditos, ainda, “A cidade perdida” e “Desenho animado”. O Poeta faleceu no dia dezenove de abril de 1969, no Rio de Janeiro/ RJ, tendo sido sepultado no Cemitério de São Francisco Xavier, naquele Estado. Graças ao seu filho, Laélio Ferreira de Melo, a obra de Othoniel - o Príncipe dos Poetas do Rio Grande Norte, imortal da Academia Norte-rio-grandense de Letras, permanece viva no cotidiano cultural da cidade. Laélio lançou, pela Editora UNA, o livro Othoniel Menezes - Obra reunida, em 2011, em edição primorosa. Além do livro, mandou erguer um busto de seu pai, que foi chantado na Praia do Forte, diante do Potengi e infelizmente destruído por vândalos. O Governo do Estado homenageou o poeta com o segundo busto chantado na Pinacoteca do Estado, por iniciativa da professora Isaura Amélia de Sousa Rosado Maia - Secretária Extraordinária de Cultura. A Escola de Samba Balanço do Morro também fez uma homenagem com um samba-enredo, em 2002, “Othoniel Menezes o drama de um poeta na Província”, de autoria de Debinha (Carlos Antônio Ramos da Silva) e Gérson (Sebastião Gérson de Oliveira). Othoniel Menezes é nome de rua no bairro de Santos Reis, em Natal, e do Prêmio Municipal de Poesia Othoniel Menezes.

### **Dados biográficos de Eduardo Medeiros**

Nasceu em Touros/RN a 21 de junho de 1887. Compositor e maestro. Instrumentos - viola e clarinete. Filho de Manoel Medeiros e Maria de Jesus Medeiros. Eduardo Medeiros constituiu duas famílias. A primeira com Maria Esmeraldina com quem teve sete filhos: Francisco, Iracema, Iremita, Nair, Moacyr, Neuza e Edilberto. O segundo casamento foi com Joanita Medeiros e tiveram sete filhos: Vivaldo, Valdira, Valdir, Valda, Valnício, Valdenizia e Valmir. Os filhos, também se destacaram na música: Valdir (violonista), Valdira (cantora),

Vivaldo Medeiros (compositor e violonista). Os demais tocam violão. A neta Lourdinha Paiva cantava, entre outros, no programa de rádio “Hora da Saudade” e no Café Nice. Eduardo viveu na Rua Pereira Simões, 13, no bairro das Rocas, onde foi mestre da Banda de Música Café Filho. Musicista, clarinetista, violonista, seresteiro, compôs valsas, choros, melodias religiosas (Hino da Irmandade dos Passos e Hino de Santa Terezinha). Musicou o poema de Othoniel Menezes, Serenata do Pescador. Musicou mais de setenta poemas. Faleceu em 20 de junho de 1961, em Natal, tendo sido sepultado no Cemitério do Alecrim. Eduardo Medeiros é nome de rua no bairro Barro Vermelho, em Natal/RN.

Natal/RN abril de 2014

\***Leide Câmara** é pesquisadora da música brasileira, autora do Dicionário da Música do Rio Grande do Norte e outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, eleita para ocupar a cadeira nº31. Em 1996 fundou o Instituto Acervo da Música Potiguar. É diretora da ANASPS/RN.

# O “Misto Códice” de Paulo de Tarso Correia de Melo

*Fábio Lucas\**

**A**pós cuidadosa leitura da obra *Misto Códice – Códice Mestizo* (Mossoró, RN: Sarau das Letras, Salamanca – Espanha: Trilce Ediciones) de Paulo de Tarso Correia de Melo, edição bilíngue, que apresenta versão e prólogo de Alfredo Pérez Alencart, torna-se irrecusável a manifestação de louvor pela alta qualidade dos poemas reunidos no pequeno volume.

Raro e original conjunto de manifestações líricas inspiradas nas criações orais dos povos pré-colombianos que habitaram as regiões do continente americano, inclusive os indígenas brasileiros.

De certa forma, o poeta norte-riograndense “atualiza” a voz dos nativos, emprestando a estes a dicção da própria cosmogonia e até o choque ao se defrontarem aqueles povos com os valores, com a violência e com a ambição dos “civilizados”, movidos tão-somente pela conquista daquele Paraíso, habitado pelos “primitivos”. Todos – nativos e “descobridores” – envolvidos na precária condição humana, assolados pela consciência da morte e pelo mistério da vida.

Mas o principal fruto do *Misto Códice* não provém apenas da riqueza de conceitos etnográficos ou de façanhas históricas, tudo a compor o repertório enciclopédico da Ciência do Homem.

Além dessa fronteira, tão vasta e solicitante, notadamente racional, soma-se outra, de elevada pressão emocional e afetiva, a composição poética na qual se aninham os registros mais sábios e duradouros da comunicação. Paulo de Tarso Correia de Melo oferece no poema “Misto Códice”, à p. 33, a senha do panorama existencial que ambicionou reter, ante a esfinge do segredo vivencial. Linguagem e metalinguagem se unem para conter no poético, no intuitivo, a explicação do processo da vida.

Gostaria de apontar outra composição, astuciosamente denominada “Resposta”, à p. 47. Para o leitor que ainda não disponha do *Misto Códice*, permita-se oferecer os dois quartetos finais, que qualquer artista teria orgulho de ter escrito:

“Esta terra nos é dada  
por empréstimo, amigo.  
Nela a nossa passagem  
pouco ou nada tem valido.

Abandonar os poemas  
e as flores será preciso.  
Eu estou cantando ao sol  
e estou triste por isso.”

Que o leitor cultive a forte expressão de “Véspera” (p. 51). Depois que conviva com o “Canto triste”, cosmovisão crítica dos aspectos destruidores das diferentes missões catequéticas ou apostólicas. E se delicie com o canto final, “Canto noturno”, à p. 97, que restaura, nos rumos da beleza, ao rumor da palavra, o caminho da esperança. Poema digno da visão poética, a de incontáveis possibilidades, polissêmica.

\***Fábio Lucas**: Professor, escritor e crítico literário. Membro das Academias Mineira e Paulista de Letras.

# Revista de Cultura Brasileña potiguar

*Diva Maria Cunha Pereira de Macêdo\**

Em memória de Pedro Vicente

Foi uma grande alegria encontrar, na Revista de Cultura Brasileña, publicação da Embaixada do Brasil na Espanha, contribuições de escritores potiguares. Conheci-a, no Centro de Estudos Brasileiros em Barcelona, na época em que morei naquela cidade. É essa revista, inclusive, o tema de minha interminável e interminada tese de doutorado, cujos créditos foram realizados na Universidade de Barcelona (UB). Embebida na cultura e na língua espanholas por todos os lados, descobrir e ler os muitos artigos, diversificados e especializados, sobre o Brasil era reencontrar e alimentar minhas raízes saudosas da terra Natal.

Para meu maior entusiasmo, o mentor intelectual da RCB foi o poeta João Cabral, o que me levou a rastrear seu tempo espanhol, mais de 13 anos, suas realizações nesse país e o apaixonado interesse pela cultura ibérica, fonte poderosa da brasilidade.

Ao chegar à Barcelona em 1947, João Cabral, com 27 anos, logo se envolveu numa empenhada ação intelectual. O estudo sistemático e profundo da língua e da cultura espanholas e catalãs, o respeito pela diversidade e a abertura intelectual do jovem poeta para as artes atraíram para o consulado brasileiro uma geração de jovens intelectuais isolados pelo franquismo. A criação da revista, em 1962, quando ele servia em Madri, faz parte

dessa articulação, que tinha por finalidade aproximar o Brasil da Espanha.

Este artigo, tem por objetivo dar informações sobre as colaborações norte-rio-grandenses em língua espanhola na RCB. Optei por transcrever as traduções dos poemas na íntegra pelo ineditismo deste material.

Colaboradores e colaborações:

Por ordem de entrada em cena, a primeira a aparecer nas páginas da publicação é a poeta Zila Mamede (RCB nº3) com dois poemas - “Trigal” e “Milharais” -, retirados do livro *O Arado* (1959) e traduzidos para o espanhol por Angel Crespo. O tradutor, que era também poeta e crítico, além de editor da revista naquela fase, intitula seu artigo “Dos poemas del campo”.

A tradução procura ser fiel à forma disciplinada do soneto “Trigal”, reveladora do compromisso mamediano com a geração 45. Ao mesmo tempo busca preservar o poder das imagens poéticas que conjugam a paisagem do sertão à litorânea num sonho de fartura, ”um mar de pão”.

A preocupação de Crespo com a fidelidade ao original revela-se também na tradução do longo poema “Milharais”, que tematiza a importância do milho para a sobrevivência do sertanejo. A relação intrínseca entre, de um lado, a memória do avô e a infância, e, de outro, o trabalho poético, metaforizado como sementeira, é cuidadosamente preservado pelo poeta espanhol.

O contato entre a poeta potiguar e a revista, provavelmente, foi mediado pelo amigo comum João Cabral. Lamentavelmente, a falta de informações biobibliográficas sobre Zila Mamede ofusca, em parte, a importância de sua presença na publicação internacional. A seguir, transcrevemos as traduções:

## TRIGAL

*Por entre noche e noche, esas veredas  
A los maduros trigos invitándome.  
Se despiertan los campos, precipita  
La luz sus invenciones en el viento.*

*Por entre luna y luna, esa querencia  
-Un susurrar de espigas que conocen  
su vuelta a las cosechas, que los ojos  
del invierno abren ya los segadores.*

*Amarilla se ofrece la planicie  
y un mar dibuja com crecientes flámulas.  
Segadores-marinos sin navíos-*

*pescan semillas, borran en lo glauco  
saudades de los peces no nacidos  
en ese (no mar de agua) mar de pan.*

## MAIZALES

*En los maizales nuevos de mi infancia,  
lluvias recién nacidas por los ríos  
que reventaban abonando vegas  
donde mis pies se hundían, tan pequeños,  
en el olor de los recientes charcos.  
Tierra multipartida, descendía  
el grano de las manos de mi abuelo.  
Ibamos de mañana a ver las rozas  
al suelo devolviéndole los frutos:  
hojitas enrolladas, verde calmo  
deshilándose al sol, en sol, de sol.  
Cuando caían otros aguaceros,*

*los dedos del maíz subiendo iban  
en vertical, abriendo iban los brazos  
hasta que, luego, ya el maíz surgía:  
pendones, abanicos abanando  
el ademán triunfal de la llegada.  
Más tarde se cortaban las mazorcas;  
lloraba yo de pena, se doblaban  
sobre los tallos, sólidas caían  
al suelo, al delantal cosechador,  
con la paja entreabierto, risa triste  
de aquel que siendo niño vese muerto  
porque, mazorcas tiernas, de repente  
se hacían masa para hacerse pan.  
Yo las tomaba con temor-dulzura-,  
trenzaba sus cabellos , las dormía:  
no eran mazorcas, eran las muñecas  
que me encendían; madre, las cuidaba  
lavándolas, peinándolas, librándolas  
de filos de molinos y de hambres  
de animales domésticos, rastrillos  
y hogueras de San Juan. Por los terrados  
en vano busco los maizalles rojos  
de rojas amapolas adornando  
trenzas des las mazorcas vanidosas,  
muñecas blancas cuando yo era niña;  
mi abuelo que ahora vive em otro campo  
donde, em vez de maíz, ahora es simiente,  
mi abuelo, si, mi abuela, los maizales;  
que no teniendo infãncia, ya es más mia.*

No volume especial dedicada à obra de Guimarães Rosa, aparece um novo colaborador do estado: Renard Perez (RBC nº21). Descendente de espanhóis, nascido em Macaíba (RN) e residente no Rio de Janeiro, o escritor contribui com uma “Síntese biográfica” do consagrado romancista mineiro. Esse texto, publicado originalmente no livro *Escritores brasileiros*



*contemporâneos* é traduzido e republicado por Angel Crespo por considerá-lo “um clássico,” no tema.

O escritor potiguar Homero Homem também colaborou para RCB com um artigo e alguns poemas.

O primeiro artigo de Homero é sobre as “Grandes bibliotecas particulares brasileñas” (RCB N°32) que ele conhece. Segundo o escritor, é necessário estabelecer critérios de seleção na organização de uma biblioteca, para que ela não se transforme num depósito de livros.

Destaca em primeiro lugar, como exemplo, a biblioteca de Agrippino Grieco, pelo volume de livros, organizados de acordo com os temas de interesse desse pesquisador. Segue-se a biblioteca de Aurélio Buarque de Hollanda, pela superespecialização em filologia. A importância do acervo machadiano reunido por Plínio Doyle garante a este o terceiro lugar na avaliação de nosso Homero. Já a valiosa coleção brasileira reunida por Yan de Almeida Prado é inigualável e merece constar também dessa lista. Por fim, lembra Homero da riqueza desordenada da biblioteca de cascadiana, que oferece muitas e variadas perspectivas ao pesquisador.

O poeta potiguar chama atenção para a importância de tantos estudiosos por este Brasil afora, que, na maioria das vezes, com muito sacrifício, dedicam-se a preservar a memória nacional, mantendo bibliotecas particulares.

A poesia de Homero Homem — sua evolução poética, livro a livro — merece um cuidadoso ensaio de Hildon Rocha (RCB N°42), intitulado: “Homero Homem: um poeta em pantalla panorámica”. A essa análise da poesia homeriana, segue-se uma seleção de vários poemas traduzidos para o espanhol. As traduções são acompanhadas pelos originais em português, porém não há menção ao tradutor, talvez o próprio ensaísta.

## Poemas de Homero Homem

### MI HIJA

A Maria Elisa

*Mi hija nació al amanecer.  
En su canto,  
un párajo flirteaba con la estrella del Alba.  
Y así nacieron el día y mi hija.*

*Botón de rosa, pétalo de llanto,  
hiriendo carne madre, rosal manso  
en ahogos y trinos enraizada,  
nació mi hija, paje de la aurora.*

*Entre ropajes lívidos, asépticos,  
mi rudo brazo abrigó su grito,  
claro fragor en el cristal del alba.*

*Mi hija nació al amanecer,  
Corola pequeñita abierta al próprio  
polen del llanto, marca de existencia.*

### CANCIÓN DE AMOR

*¡Como alabarte, Mercedora,  
si a tu lado  
apenas consigo solfear:  
te amo!*

*Te amo, digo simplemente; y, estereofónico,  
sigo repitiendo: te amo.  
Oh! silencio,  
caverna musical de los enamorados.  
Dentro de ti, estuche de mi eco,  
la estalactita cae, gota a gota,  
y murmura:*

*Oh! señal de existencia.  
Sonora modulación de maravillas  
frescas y eternas como flauta y viento,  
Muro, sierpe, manzana hombre-mujer;  
en una casa jardín, antiguamente,  
alguien, inaugurando la ley de la transgresión  
Le dijo alguien "te amo"  
y todo comenzó y aún recomienza.  
Millonario de la repetición,  
te amo, pues, repito eternamente.*

*Y esos pobres sonidos  
Solo audibles en nosotros, mas cargados  
Dela intensa luz de la Revelación,  
son mi cantar de amor  
o son tu voz?*

### **SONETO PARA ANA MARIA INFANTE**

*No es leche lo que chupas. Ni es el pan,  
que aún no precisas:  
desastradamente mías, son  
apenas dos manos que te prenden.*

*Apenas dos manos, siervas de la gleba  
y pajes de una aurora que persigo.  
son apenas dos manos, son los leves  
dados del juego que ensayo contigo.*

*Apenas son dos manos. Mas, por mías,  
Son calladas ternuras, envoltorios  
y antenas de captura de tu sueño.*

*Son apenas dos manos. Son tu huertos  
entre tierras que huyen, que recojo,  
que libero de mí y que te muestro.*

## TEORIA CULINARIA DA LONGEVIDADE

Unos se compensan comiendo  
Y otros se mortifican ayunando.

*Guimarães Rosa era del tipo auto punitivo.  
Comía poco.  
Lamartine Babo también.  
Y a Alvaro Lins se compensaba comiendo.  
Adonias,  
Manuel Bandeira,  
Carlos Drummond de Andrade.  
Magníficos ejemplares del primer tipo  
(Longevo).  
Emilio de Menezes,  
Augusto Frederico Schmidt,  
Dante Costa:  
tres devotos del segundo tipo. Por eso  
um ángel vestido de colesterol  
se los llevó.  
Jorge Amado &  
Caymmi  
también son firma de mucha gula.  
Pero todavía comerán el vatapá de la amistad  
por largos años;  
que el Santo baiano de esos dos  
echa por tierra cualquier teoría.*

## HIMNO A LOS ITABIRAS DE MINAS GERAIS

*¡Ay, hierro moreno de Minas Gerais!  
Los agujeros de tu Sierra  
le dan la vuelta al cielo,  
vuelven luego a tierra.  
Hechos perfil cortan el mar.  
Disfrazados de automóviles y carlingas de aviones  
Ruedan 2/4 de tiempo por el asfalto,  
Y alzan el vuelo rumbo a Tokio, via Orly.*

*¡Ay Minas Gerais!  
Exportas tanto  
y no tienes un puerto.  
No sé si decir: ¡Basta!  
O decir: ¡Exportas aún más!  
Cuadrilátero de hierro de las Gerais,  
Gracias.  
Gracias, Itabira de Drummond  
cuyo pico de hierro ya se acaba.  
Salvo tu gente que labora,  
¡Itabiras de Minas, descansad!*

## EL PEZ

*Fámulo del viento,  
capataz de auroras,  
sabe a pescado  
el pescador.  
Fámulo del viento,  
capataz de auroras,  
sabe el pez de memoria  
el pescador.  
Fámulo del viento,  
capataz de auroras,  
muestra ese pez que sabes,  
Pescador!*

*—He aquí el pez,  
profesor:  
peregrino lomo de un libro encuadernado em cuero  
en el estante acristalado.  
Anillo de oro  
en dedo doctoral.  
(la ciencia de um rubí com más ciencia  
que hay en todos los grados de tu anillo).  
—He aquí el pez,  
general:*

*telémetro de agua y sal.  
espada anclada en el mar.  
Pelotón em maniobras.*

*—He aquí el pez,  
motorista:  
cristal irrompible,  
motor sumergido.  
Neumático de franja blanca.  
Flecha purpurina.  
Farolillo que hiere la carretera llana.*

*—He ahí el pez,  
barman:  
cotelera de plata.  
Gota de esencia en mar de ginebra.  
Cubo octaedro.  
Rodaja de limón  
o yema cruda.  
Copa clara en la mesa.  
Hielo a la deriva.*

*—He aquí el pez,  
constructor:  
Ojo mágico en madera compensada  
o madera de ley.  
Fuste trabajado  
en encaje portugués.  
Claraboya ogival.  
Juejo de espejos.  
Chapa de bronce.  
Placa em palo-marfil.*

*—He aquí el pez,  
niña bonita:  
vestido em rosa de te*

*planchado a hierro frío.*  
*Chal lila.*  
*Rizo de marfil.*  
*Media de seda.*  
*Zapatilla de baile.*  
*Bolso de encaje.*  
*Pañuelito de hilo*  
*manchado de carmín.*

—*He ahí el pez,*  
*(tu pez)*  
*pescador*  
*Aguja nueva cosiendo al sol.*  
*Gota de sangre*  
*(tu sangre)*  
*en la punta del anzuelo.*

O autor potiguar com maior participação na Revista de Cultura Brasileña — dois ensaios e duas entrevistas — é o escritor Câmara Cascudo.

No primeiro ensaio, intitulado “Ancha es Castilla”(RCB N°29), ressalta o escritor o espírito de espanholidade que se manifesta tanto na aristocracia como no povo. “A consciência da própria identidade é, segundo o autor, um “sentimiento hidalgo,” inato ao espanhol, que mantém a dignidade nas condições mais adversas. A argumentação cascudiana é sustentada com vários exemplos, retirados quer do comportamento do mais humilde servo quer da nobreza. Em seguida, numa manobra muito própria de seu estilo, Cascudo relata historietas sobre bravatas mineiras, paulistas, gaúchas e nordestinas que revelam a inteligência e coragem do povo brasileiro, tão digno e consciente de suas qualidades quanto o espanhol. Enfim, conclui citando Unamuno, que afirma serem os homens ”unidos por suas discórdias”, nas cinco partes do mundo. Semelhança que aproxima a “grande” Castilha do não menor Brasil.

O segundo ensaio de Cascudo intitula-se, “Desplantes”, (RCB N°35) vocábulo emprestado da tauromaquia que se refere à altivez artística do toureiro frente às violentas investidas do touro. É essa, a postura intelectual adotada por ele, frente a vastidão e às dificuldades do objeto de estudo: temas espanhóis na cultura brasileira.

Em primeiro lugar, registra o estudioso a alegria de encontrar no Brasil um amplo repertório de seculares histórias ibéricas, destacando a importância da oralidade para divulgação desse material:

“Los cuentos, adagios, chistes, no han venido seguramente en esos volúmenes respetables. Normal es encontrarlos en la memoria de personas analfabetas, denunciando la transmisión de un temario de siglos, de milenios, independientes de formas gráficas. El material viajó en las reminiscencias de los pobladores europeos y se amplió con las variantes, asimilando fauna y flora, de modismos, soluciones del ambiente psicológico, pero manteniendo la estructura, la espina dorsal, de las formas iniciales.”

Em seguida, Cascudo ressalta a importância da mulher na divulgação desse patrimônio, fundamental para a constituição da identidade brasileira. Cita como exemplo uma de suas principais fontes, Luíza Freire (Bibi), empregada da casa de seu pai, que dominava um amplo repertório de histórias universais.

“La fuente de irradiación era la familia, la vieja matrona, la madre, educada en el régimen oral de la sabiduría utilitaria, llena de ejemplos narrados por su progenitora, tías, la parentela que funcionaba como proceso de iniciación en el rumbo de las vidas edificantes. Mis dos abuelas, la paterna y la materna, de pocas letras y sin tiempo para abrir un libro, sabían contar, y amaban transmitir muchos de formación eminentemente popular, jamás registrados en los hagiologos y Evangelios.”

Considera o escritor de menor importância como fonte transmissora os religiosos (padres e frades) por estarem limitados aos temas devotos.



Ainda segundo Cascudo, apenas duas novelas chegaram impressas ao Brasil — A donzela Teodora e a História do Imperador Carlos Magno e os doze pares da França. Todas as outras histórias corriam de boca em boca.

Enfim, conclui que se deve aos povos ibéricos, portugueses e espanhóis, a maior parte da riqueza da cultura nacional brasileira. Esse tema, de grande interesse cascudiano foi aprofundado em vários artigos e livros.

Foram duas as entrevistas com o folclorista potiguar publicadas na Revista de Cultura Brasileña, nenhuma inédita. A primeira vem precedida de uma foto do pesquisador potiguar e acompanhada de uma nota do diretor da publicação naquela época, Manuel Augusto Viñolas, que relata o seguinte:

“El año de 1948 fui desde Río de Janeiro a Natal para ver a Câmara Cascudo. De aquella visita, que me abrió las puertas a una cordial amistad a prueba de ausencias, es esta fotografía que entonces recogió mi cámara y que há cumplido ya veinticinco años.No sé si la imagen de Luís da Câmara Cascudo habrá registrado este paso del tiempo, pero el espíritu lúcido y la gracia natural del gran escritor y folclorista brasileño no lo acusa, a juzgar por la entrevista reciente que ha tenido com el periodista José Augusto Guerra y que recogemos de la revista *Cultura* para delicia de nuestros lectores”

Comentando esse encontro, o repórter registra que durou toda a tarde e foi mais uma longa conversa do que propriamente uma entrevista. Desse relato, José Augusto Guerra destaca algumas proposições, que ajudam na compreensão da obra cascudiana. São elas as seguintes:

- A importância da vivência sertaneja nos anos de formação do escritor;
- A leitura estudiosa e sistemática;
- O prazer de escrever;
- O poder do trabalho em manter a mente ocupada;
- A valorização e a divulgação da cultura popular e
- O interesse (recente) pelo gênero memorialístico.

A segunda entrevista com Câmara Cascudo é uma republicação de outra feita por Lena Frias para o Jornal do Brasil. Por ser uma das mais conhecidas do público potiguar, não a comentarei aqui.

Peregrino Júnior é mais um colaborador potiguar da RCB, com o artigo "Contribución de la mujer a la poesia brasileña: Antología."

O escritor inicia seu artigo falando das imensas dificuldades encontradas pelos estudiosos desse tema, pela dispersão e desorganização do material. Porém reconhece que as mulheres estiveram sempre presentes e contribuíram "ampla e intensamente" para a poesia brasileira. Alerta ao leitor que seu trabalho é apenas um "relato sumário", baseado nas obras de alguns pesquisadores, como Stela Leonardos e, principalmente, Domingos Carvalho da Silva. Após um levantamento de nomes de algumas poetisas de vários estados, entre as quais Zila Mamede, faz um resumo do estudo de Carvalho da Silva sobre o assunto.

A Revista de Cultura Brasileña foi publicada regularmente até 1981 e é uma fonte de consulta muito útil aos pesquisadores espanhóis e latino-americanos. Em junho de 1997, foi lançado um número especial, dedicado ao poeta Angel Crespo, seu primeiro editor falecido 12/12/1995. Em março de 1998, saiu outro número isolado, sobre cultura brasileira, mas a revista só voltou a ser publicada regularmente a partir de 2005, num modelo temático e com periodicidade anual.

Essas contribuições norte rio-grandenses à RCB são significativas para todos os estudiosos de nossa literatura, porque nos lançam além dos limites quase intransponíveis do Forte dos Reis Magos, como dizia, ironicamente, Câmara Cascudo.

Natal, 06 de maio de 2014

**Diva Maria Cunha Pereira de Macêdo** é poeta, escritora e professora. Ocupante da cadeira nº 30 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

MAMEDE, Zila. **“Dos poemas del campo”**. In: Revista De Cultura Brasileira, Nº3. Madrid, Embajada de Brasil en Madrid, diciembre 1962.

PÉREZ, Renard. **“Síntese biográfica”** In: Revista de Cultura Brasileira, nº21. Madrid, Embajada de Brasil em Madrid, junio 1967.

HOMEM, Homero. **“Grandes bibliotecas particulares brasileñas”**. In Revista de Cultura Brasileira, nº32. Madrid. Embajada de Brasil en Madrid, diciembre 1971.

ROCHA, Hildon. **“Un poeta en pantalla panorâmica”**. In: Revista De Cultura Brasileira, nº42. Madrid, Embajada de Brasil en Madrid, diciembre 1976.

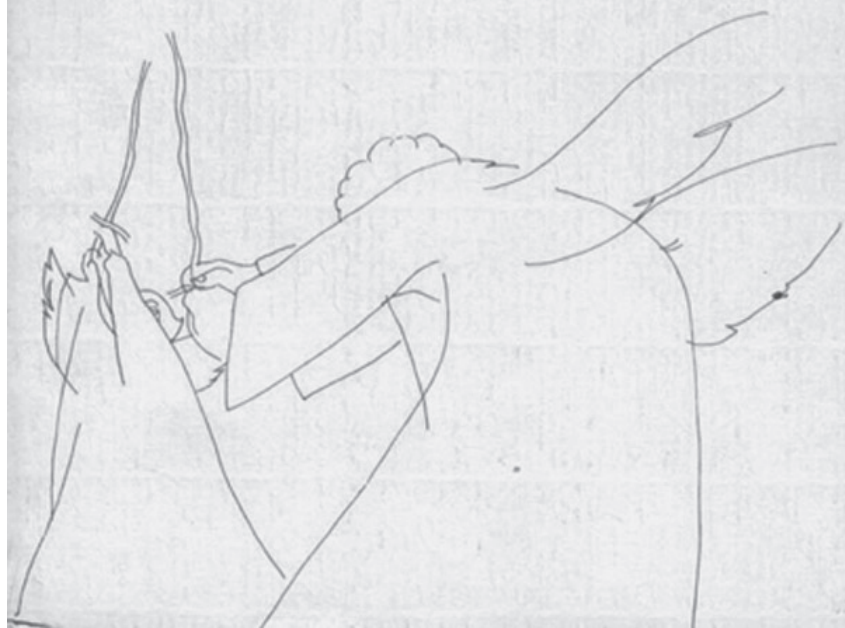
CÂMARA CASCUDO, Luís Câmara. **“Ancha es Castilha”**.In: Revista de Cultura Brasileira nº29. Madrid, Embajada de Brasil en Madrid, diciembre de 1969

CÂMARA CASCUDO, Luís da. **“Desplantes.”**In: Revista de Cultura Brasileira, nº35. Madrid, Embajada del Brasil en Madrid, mayo de 1973.

JÚNIOR, Peregrino. **“Contribución de la mujer a la poesía brasileña”**. In: Revista de Cultura Brasileira, nº37. Madrid, Embajada del Brasil en Madrid, Junio de 1974.

Diógenes da Cunha Lima

# OS PÁSSAROS DA MEMÓRIA




# A representação do tempo na obra *Os Pássaros da Memória* de Diógenes da Cunha Lima

Thiago Gonzaga\*

## Introdução

*O tempo é um ponto de vista dos relógios.*

*Mário Quintana*

 O homem desde a antiguidade sempre questionou e refletiu sobre o tempo, sua influência e as mudanças que efetua na vida do ser humano. Por essa razão, abordar um tema bastante filosófico, como este, é uma maneira inquietante de compreender o homem em leituras que envolvem mentes científicas e literárias de todas as épocas. Assim sendo, o estudo proposto não deixa de ter suas complexidades por tratar de um assunto vasto que abrange várias vertentes do conhecimento humano. Mas aqui buscar-se-á compreender a ação do artista, no caso o poeta, de recriar uma realidade nova, subjetiva sobre o tempo e a função dele em uma linguagem universal.

Diversas formas de tempo revelam-se na obra poética de Diógenes da Cunha Lima, isto é, o tempo que passou, o tempo que ficou na memória, o tempo cronológico, o tempo cíclico... Tudo por meio da sensibilidade artística do poeta. Portanto, o tempo é colocado de maneira polivalente e relevante na vida do homem.

O intuito do presente trabalho é analisar a representação do tempo na lírica do livro *Os Pássaros da Memória* (1994) do

referido autor. Nesta obra, o tempo da poesia, tendo em vista as mudanças causadas pela natureza, não é um tempo cantado de maneira fixa, ou relacionado a um prazo ou época, também não é um tempo histórico, com suas manifestações e contradições. Na visão do poeta, existe um tempo de sentimentos e reflexões, uma espécie de tempo interior que cada ser humano vivencia como seu.

Pronunciado em todos os períodos, o tempo se estende de forma contínua e é arquitetado da forma passado, presente e futuro. Contudo, para Santo Agostinho o tempo, sempre vai ser o atual: “[...] talvez fosse próprio dizer que os tempos são três: presente das coisas passadas, presente das presentes, presente das futuras” (1996, p. 261). Esse tempo, que na lírica, extrapola o meramente cronológico, é que permite que poetas de diversas épocas dividam o mesmo fascínio por ele.

### **Que é, pois, o tempo?**

*Que é, pois, o tempo? Quem o poderá explicar facilmente e com brevidade? Quem poderá apreendê-lo, mesmo com o pensamento, para proferir uma palavra acerca dele? Que realidade mais familiar e conhecida do que o tempo evocamos na nossa conversação? E quando falamos dele, sem dúvida compreendemos, e também compreendemos, quando ouvimos alguém falar dele. O que é, pois, o tempo? Se ninguém me pergunta, sei o que é; mas se quero explicá-lo a quem me pergunta, não sei.*

**Santo Agostinho**

A meditação de Santo Agostinho sobre o tempo encontra-se no Livro XI da obra *Confissões*, e reflete uma de suas mais notáveis apreciações acerca do tema, que o torna, embora sendo um pensador medieval, bastante atual. O modo como ele expõe sua tese, com relação à temática proposta, marca a reflexão ocidental até os dias de hoje. A meditação sobre a memória é um artifício importantíssimo na filosofia do pensador cristão, quando se trata do tempo, pois para Santo Agostinho o tempo só

existe na memória do homem. De igual modo, o poeta Diógenes da Cunha Lima compartilha com a ideia do filósofo a partir do próprio título da obra *Os Pássaros da Memória*, pois já sugere uma relação do tempo em movimento com a faculdade de lembrar que está diretamente relacionada às sensações humanas.

Cientistas, teólogos, filósofos e literatos percorreram sobre a vida das mais diversas formas. Não seria obviamente diferente o homem filosofar sobre a temática do tempo, da maneira que o afeta: passado, presente e futuro.

A arte de uma maneira geral está repleta de exemplos em que se relata e cogita sobre o tema do tempo, inclusive, este servindo de objeto de adoração, quando, por exemplo, os gregos criaram Cronos, deus do tempo, que corresponde à divindade Saturno dos romanos. Os filósofos da antiguidade igualmente refletiram sobre o tempo. Para Platão, o tempo é um movimento cíclico, onde tudo que aconteceu no passado é repetido e volta sempre. Para Aristóteles, o tempo não poderia existir já que nenhuma das suas partes existe.

A literatura e as artes enfocaram o tema nas suas mais variadas vertentes. Na obra *Em Busca do Tempo Perdido* (1927), Proust tenta resgatar a essência da realidade temporal, escondida no inconsciente humano. Já no livro *Admirável Mundo Novo*, publicado em 1932, o escritor Aldous Huxley prevê um incerto futuro do homem causado pelas circunstâncias do tempo. Há inúmeras outras obras literárias de idêntica temática, como, por exemplo, *O Retrato de Dorian Gray* (1890) de Oscar Wilde, *Quatro Quartetos* (1942), livro de poemas de T.S. Eliot, e *Cem Anos de Solidão* (1967) de Gabriel Garcia Márquez. O quadro *A Persistência da Memória*, do pintor surrealista Salvador Dalí (1904-1989), é uma das mais espetaculares reflexões sobre o tempo que o homem já fez. O efeito da obra é fantástico, já que ao nos depararmos com ele, e refletirmos sobre ele, compreendemos que o tempo existe e que os relógios marcam sua passagem. No âmbito da literatura brasileira, autores como Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Monteiro Lobato, Érico

Verissimo e Mário Quintana, também apresentaram seu ponto de vista literário sobre o tema.

O artista, em sua condição de mortal, é afetado pelo tempo de uma maneira diferente da do espaço, e expressa isso em sua arte. Esta situação irreversível, que pode causar angústia, medo e sentimentos diversos pelo fim implacável do Homem é o que faz o artista refletir e questionar sobre o tempo. Dentro dessa perspectiva, em um mundo no qual as pessoas têm cada vez menos tempo, por que não refletirmos sobre ele? Sobretudo, quando está inserido em uma obra poética?

Em nossa vida cotidiana questionamos, por exemplo, “que horas são?”, ou “que dia é hoje?”, provando nossa preocupação relacionada ao tempo. Quando fazemos essas indagações, é por que acreditamos que o tempo existe, e que, consecutivamente ele passa.

A literatura norte-rio-grandense traz também no seu contexto autores que refletiram e dedicaram-se a expor sua visão subjetiva do tempo. Diógenes da Cunha Lima apresenta uma importante contribuição poético-literária, não apenas local, mas a nível nacional, tendo valor reconhecido em todo o país, provando ser merecedor de estudos que abordem a sua obra. Estudar *Os Pássaros da Memória*, seguramente, fornece subsídios para uma análise do tempo e do homem dentro do lirismo poético.

## **O tempo na lírica de Diógenes da Cunha Lima**

*O tempo, apesar de ser essencial como parte da nossa experiência, é destituído de realidade: tempo não é algo objetivo. Não é uma substância, nem um acidente, nem uma relação, mas uma condição subjetiva, necessariamente devida à natureza da mente humana.*

***Immanuel Kant***

Na obra poética de Diógenes da Cunha Lima é constante a presença de poemas relacionados ao tempo e à memória, enfocando a passagem destes elementos em nossas vidas, as



mudanças que trazem e o próprio questionamento humano sobre este ponto. Percebemos em alguns poemas como *Tempo Calendário*, *Tempo Cronologia*, *Tempo Meditação* a representação do tempo como algo para ser refletido, discutido e considerado. Pois esses poemas nos levam a um debate interno e existencial, nos tornando mais humanos e conscientes do nosso papel na sociedade, além de gerar uma série de contestações que podem ser discutidas nos mais variados segmentos científicos e literários.

Partindo da reflexão sobre o tema do tempo na poesia de Diógenes da Cunha Lima, encontramos uma fundamentação teórica com base na obra *O Ser e o Tempo na Poesia* (1977), de Alfredo Bosi, para quem

a instância poética parece tirar do passado e da memória o direito à existência; não de um passado cronológico puro – o dos tempos já passados – mas de um passado presente cujas dimensões míticas se atualizam no modo de ser da infância e do inconsciente. A épica e a lírica são expressões de um tempo forte (social e individual) que já se adensou o bastante para ser reevocado pela memória da linguagem (BOSI, 1977, p. 111).

Observamos que, na poesia, cumpre-se o presente, sem margens do tempo, tal como o sentia Santo Agostinho. O poeta se volta para a poesia e tem sua própria maneira de cantar o tempo, identifica-o como um ser, resgata da memória um passado que vai estar sempre presente.

É nesse processo de diálogo com o tempo que Diógenes da Cunha Lima captura a sua universalidade e o transpõe para a realidade lírica do tema.

**A vida não serve  
Que a alma é longa  
E o corpo breve.**

....

**A liberdade que não  
invade a alma  
é servidão**

....

**Soma de ciência e fé  
Toda ciência é aparência  
Só a poesia é.**

Segundo Bosi (BOSI, 1977, p. 111):

Mesmo quando o poeta fala do tempo, da sua experiência de homem de hoje entre homens de hoje, ele o faz, de quando poeta, de um modo que não é o do senso comum, fortemente ideologizado: mas de outro, que ficou na memória infinitamente rica da linguagem. O tempo “eterno” da fala, cíclico, por isso antigo e novo, absorve, no seu código de imagens e recorrências, os dados que lhe fornece o mundo de hoje, egoísta e abstrato.

É nítida a intenção de Diógenes da Cunha Lima de se sobrepor ao tempo, pois embora ele reconheça a efemeridade do corpo, adota a eternidade da alma, em sintonia com a afirmação de Bosi sobre a experiência do poeta, segundo a qual, as coisas não são como o senso comum, mas de uma maneira rica em linguagem e imagens.

Para melhor compreensão da temática proposta é preciso também considerar o tempo sob uma perspectiva filosófica. Tão primordial e questionadora a temática do tempo na vida do homem sempre gerou teorias e debates, sejam eles científicos ou literários. Artistas e escritores têm tratado dessa questão de maneira ampla e universal, tentando delimitar o tempo a uma conclusão humana racional, ou cantando, em versos, a soberania dele.

Das variadas abordagens sobre o tempo, destacamos as de Platão, Aristóteles e Santo Agostinho. Em Platão a questão do

tempo está quase totalmente exposta no diálogo *Timeu*, em que o filósofo discute a temática de que o tempo é a imagem móvel da eternidade. Para Platão o tempo seria algo cíclico, contínuo, uma vez que essencialmente ele não existe, já que faz parte do mundo das sensações, como podemos ver na citação abaixo.

Em que consiste o que sempre existiu e nunca teve princípio? E em que consiste o que devém e nunca é? Porque a todo instante nasce e perece, sem nunca ser verdadeiramente (Platão, 2001, p.57).

A hipótese levantada pelo pensador sobre o tempo leva a compreender que o tempo não existe de forma material, só existe no mundo das ideias. Para o filósofo grego o tempo é algo que sempre existiu e que se move de forma contínua e eterna. Essa mesma ideia é exposta pelo poeta Diógenes da Cunha Lima nos seguintes versos do poema *Tempo Persona*:

**O tempo é constante  
Não temo o tempo  
Sou dono do instante.**

O poeta reconhece a existência e a continuidade do tempo, e o movimento alternado, infinito, dele, porém, com o mesmo não se preocupa, nem teme as circunstâncias que ele pode causar em sua vida, procurando viver o agora. Embora o tempo tenha uma força determinada na vida do homem, ele nunca, na verdade, será a força determinante, pois não existe de forma material.

Já em Aristóteles o tempo é uma espécie de aspecto constante do movimento e, no pensamento desse filósofo grego, o tempo não existe por si próprio, é relativo aos movimentos. O tempo para Aristóteles é definido como o número do movimento segundo o aspecto do antes e do depois, por isso para ele o tempo não pode existir sem uma sucessão. Assim sendo,

para a experiência do tempo exige-se a presença de uma alma capaz de “contar” o movimento deste. É o movimento que faz envelhecer as coisas e não o tempo, que é apenas o “cronômetro” desse movimento, e se existe a alma, conseqüentemente existe o homem mortal e “dependente e escravo” do tempo (Aristóteles, 1995, p.217). p217).

Esta linha de pensamento é posta de forma lírica pelo poeta Diógenes da Cunha Lima no poema *Tempo Cronologia*, como podemos observar a seguir:

**No silêncio do corpo  
Pulsa o relógio  
No pulso do morto.**

**O relógio  
A te olhar  
Teu necrológio.**

Aqui, o poeta parece reconhecer que o relógio do tempo é inexorável com o homem e pode arrebatá-lo a qualquer instante. Então estamos todos fadados ao mesmo fim, ou seja, a morte por efeito do tempo, embora para o poeta o que importa seja a memória, e o que ela guarda, pois podemos observar manutenção da vida, esta simbolicamente no pulsar do relógio.

Conforme nos explica Santo Agostinho, só temos a capacidade de avaliar o tempo na medida em que ele transcorre; visto que é muito difícil explicar o que seria esse fator na vida do homem, não há como defender, de maneira material que ele exista. A solução encontrada por esse filósofo cristão foi bastante inteligente e reflexiva, como já tivemos oportunidade de ver, ele diz que o passado e o futuro só existem no presente. Pois o passado existe como lembrança do que já foi e o futuro existe como antecipação do que será.

A originalidade de Agostinho deve-se ao fato de ele compreender que somos seres mortais e, portanto, não podemos falar do tempo como se fosse um objeto exterior. Nossa

compreensão do tempo é psicológica, e é assim que lidamos com ele. O filósofo falou sobre um tempo psicológico, em contraste com um tempo ontológico, exterior ao ser humano, diferenciando este daquele, que só existe, como lembrança, atenção e projeção.

Diógenes da Cunha Lima, também transpôs essa ideia em *Os Pássaros da Memória*, como o próprio título já sugere. Memória, na proposta lírica do livro, seria a faculdade de reter ideias, sensações, impressões, adquiridas anteriormente em um relacionamento com o tempo; uma recordação que a posteridade sempre irá guardar. Já os pássaros seriam como que fragmentos desta mesma memória, que está relacionada ao tempo, ou seja as recordações causadas por ele, como observamos no seu *Tempo Memória*.

**O rio ágil vem  
Molhar o silêncio  
Da margem**

**Força lírica da natureza  
O baobá exhibe  
Sua suave aspereza.**

**A asa da borboleta  
Para o menino no mínimo  
Muda a órbita do planeta.**

O título do poema já nos transporta para algo guardado, algo que trazemos em nossa mente como vivido. Diógenes da Cunha Lima compara o movimento do tempo ao do rio, que tem a oscilação cíclica. O poeta compara o tempo à natureza, por ter força, por determinar a vida do homem e influenciar nas estações, fazendo nascer árvores e frutos rígidos e delicados, e, ao mesmo tempo, mostra a inocência do homem, que pela visão de um menino se encanta com uma borboleta, sem se dar conta de que o mundo se move, e o cronômetro corre ao seu redor.

## Conclusão

Como está visto, o livro “Os Pássaros da Memória” vem enriquecer a bibliografia específica sobre o tema em estudo, constituindo-se, além do mais, em um dos melhores exemplos de poesia reflexiva, no contexto da literatura potiguar. Estudando-o, tivemos o intento de ressaltar a sua importância não só como obra literária, mas também como documento de alto sentido humano e filosófico.

## Referências

**AGOSTINHO**, Santo. **Confissões**; De magistro. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os pensadores).

**ARISTÓTELES**. **Física**. Trad. Guillermo R. de Echandía. Madrid: Editorial Gredos, 1995.

**BOSI**, Alfredo. **Céu, inferno: ensaios de crítica literária e ideológica**. São Paulo: Duas Cidades, 2003.

**LIMA**, Diógenes da Cunha. **Os Pássaros da Memória**. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1994.

**PLATÃO**. **Timeu**. Trad. Carlos Alberto. Belém: EDUFPA, 2001.

\***Thiago Gonzaga** é escritor e pesquisador da literatura potiguar, autor dos livros Literatura Etc, Impressões Digitais e A Felicidade é uma Arma Quente (CJA edições).

## Exemplo de humanista

*Manoel Oropse Jr.\**



Escritor Pedro Simões

**D**uma manhã de sexta-feira, 1º de fevereiro de 2013, Pedro Simões se foi desta vida, após longa agonia, cerca de sete meses numa UTI, quase sempre lúcido, suportando com resignação sua pesada cruz. Escritor, advogado e professor, deixou obra significativa na Literatura e no Direito: numerosos livros, dentre estes: “A Intriga do Bem”, “A Quinta dos Pirilampos”, “De Quando Tudo Era Azul”, culminâncias da memorialística potiguar, e “O Fabulário da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio dos Homens”, misto de ficção e memórias.

Mas, além do campo intelectual, Pedro Simões era homem de ação; grande animador cultural, fundou e dirigiu, nos anos 1980, a Nossa Editora, havendo lançado dezenas de livros de autores norte-rio-grandenses; ultimamente foi um dos fundadores da Academia Ceará-mirinese de Letras, com vistas à dinamização da vida literária em sua terra adotiva. Teve destacada

participação na vida pública do Estado, como Secretário de Segurança Pública e Presidente do IPERN, ambos os cargos no Governo Geraldo Melo.

Acompanhei comovido o seu calvário, embora não pudesse vê-lo, já que ele ficou, quase o tempo todo, internado na UTI, proibidas as visitas por ordem médica. Mas, um dia, quando retornou ao apartamento do hospital, pediu aos seus familiares que fosse eu o primeiro a visitá-lo. Encontrei-o, então, acamado, muito magro, lívido, a voz débil, mas, sem perder o senso de humor, saudou-me:

- Manoel Onofre, o condestável da Serra do Martins!

Ri sem jeito, e profundamente impressionado, disfarçando o meu assombro diante do seu estado, disse-lhe palavras de encorajamento. Infelizmente, não pudemos conversar. Tive, porém, a satisfação de constatar que ele estava bem assistido, cercado pelo carinho dos familiares, à frente Jailza, a companheira de todos os dias. Ao deixá-lo, lembrei-me do que ele me dissera, tempos atrás:

- O meu prazo de validade está vencido.

Não demorou a voltar à UTI, e ali ficou entre a vida e a morte por mais alguns meses, tendo se submetido a nada menos de vinte cirurgias. E – pasmem – ainda encontrou alento para ditar as suas impressões do hospital, “escrevendo” assim o seu derradeiro livro.

- o -

A seguir, alinhio breves comentários sobre três livros – suas obras mestras, no meu modesto entender.



**FABULÁRIO DA FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO RIO DOS HOMENS** (Natal: Nossa Editora, 1994. 2ª edição: Natal: Nossa Editora, 1997).

Buscando reencontrar proustianamente a sua gente de Ceará-Mirim, Pedro Simões fez excelentes “estudos” a crayon para um painel romanesco sobre a cidade dos verdes vales. Impressionante o espírito de síntese, a acuidade psicológica com que traçou perfis de pessoas mais destacadas na vida comunitária (ilustres ou não), acrescentando-lhes pitadas de humor e ironia. Na verdade, ganham vida essas figuras, que eu não sei se são reais ou imaginárias, ou híbridas de ficção e realidade. O Barão, Dr. Garibaldi, Dr. Hercílio, João da Cunha, Asclepiades, Didia, Minhém, Tia Cândida, Miguel Eleutério, Cláudio Tavares, Abgar Frazão e tantos outros tipos inesquecíveis. Todos vivem em sua prosa ágil e movimentada, a que não faltam causos e anedotas, um riso cáustico. (Parece até que o autor frequentou o Café de Beto e a esquina de Lico Dantas, tradicionais pontos de encontro, onde rodas de conversa se formavam para comentar assuntos do dia e falar da vida alheia).

Imagino o que dirão os críticos literários a respeito do gênero em que se deve classificar esta obra. Romance? Narrativas? Memórias sentimentais romanceadas? Talvez tudo isto e algo mais.

Certo é que é de primeira qualidade. E – aspecto importante: além dos seus méritos literários, constitui-se em valioso documentário de interesse humano e social.

Vejam este trecho de um dos perfis:

“Espremido entre a casa de Cláudio Tavares e a de George Barreiros, morava João da Cunha, filho de veterano da Guerra do Paraguai. Um homenzinho que andava nas pontas dos pés, como quisesse compensar a baixa estatura, com o queixo erguido desafiadoramente. Pobre, daquela pobreza remediada, mais do que digna, orgulhosa, insultuosa, como se pobreza fosse marca de honradez, um estilo de vida, nunca uma fatalidade”.

**DE QUANDO TUDO ERA AZUL** (Natal: Fábrica de Sonhos, sem data).

Com este livro, o autor construiu obra memorialística digna de figurar junto a duas outras que têm, como pano de fundo, a terra dos canaviais: “Imagens do Ceará-Mirim”, de Nilo Pereira, e “Memórias Quase Líricas de um Ex-Vendedor de Cavaco Chinês”, de Inácio Magalhães de Sena.

São obras de arte, estas, em que o memorial se assume como gênero literário, diferenciando-se do mero depoimento.

Mas, este “De Quando Tudo Era Azul” é um caso à parte. Nele, o autor explora, em feitiço de memórias, o mesmo filão temático já explorado feito ficção em outro livro seu – “Fabulário da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição do Rio dos Homens”. Fez que nem José Lins do Rego em “Meus Verdes Anos” e “Menino de Engenho”. Provas de que ficção e memória se interpenetram, embora não se confundam.

“De Quando Tudo Era Azul” – ressalte-se – está pleno de vida. Autobiografia precoce, transcende o simples documento de sentido humano (que por si só justificaria publicação) para impor-se como uma obra de indiscutível valor estético e literário.

O estilo aliciante e o ritmo da narrativa fazem o ato de ler, extremamente, prazeroso. De modo que o leitor, ao fechar o livro, sente saudade do que leu...

Rachel de Queiroz já disse que a literatura só tem sentido quando se liga à vida. É verdade. Este memorial, estuante de vida, é portanto obra de grande interesse.

**A QUINTA DOS PIRILAMPOS** (Natal: Edições Ceará-Mirim, 2009. 2ª edição: Natal: 2013).

Após algum tempo em “hibernação”, Pedro Simões surgiu com novo livro de sua lavra. Obra interessantíssima, seja pelo conteúdo, seja pela forma.

Com um significado, por assim dizer didático, linguagem clara, acessível, este livro parece destinado ao público juvenil. O próprio autor esclarece, em nota introdutória:

“...que estava escrevendo um livro para deixar como herança aos meus filhos e netos e os de sua geração, para que eles nunca esqueçam as suas origens e jamais percam a sua identidade cultural”.

Mas, não tenhamos dúvidas: “A Quinta dos Pirilampos” também deve ser visitada por jovens de todas as idades.

O autor está bem ciente disto ao afirmar que “da mesma forma dedicava aos adultos, reacendendo a sua memória ou lhes alertando quanto à sua nordestinidade e brasilidade, para que não sejam aliciados pela panaceia da globalização”.

Como amigo e ex-colega do autor, na Faculdade de Direito, tive o privilégio de ler os originais em primeira mão. Leitura gratificante. Encantou-me de saída a mensagem nitidamente franciscana, que o texto despojado transmite com uma simplicidade cheia de graça. O amor à natureza – às plantas, aos bichos – eis o componente principal desse recado ecológico. Impressionou-me, de modo especial, o realce dado aos personagens que retratam tipos populares, gente muito da gente: Chico Lagatixa, Biro, Comadre Bastinha, etc. – perfis admiráveis. E que dizer do aproveitamento do fabulário popular?

Já no final do livro, dois capítulos tratando da culinária regional – simplesmente, deliciosos.

**\*Manoel Onofre Jr.** é escritor e magistrado, autor de *Chão dos Simples*, *Ficcionistas Potiguaras* e outros livros, ocupante da cadeira nº 5 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

# Escola Superior do Seridó

*Jurandyr Navarro\**

A evolução dos povos depende de instrumentos de ordem cognitiva, correlacionados com a inteligência e a personalidade da pessoa humana: a educação e a instrução. O reflexo dessa ação, influenciadora do social, é a pedra de toque em relação ao avanço científico, econômico e cultural.

A Universidade já acolhe essa consciência preparada, ou mais ou menos direcionada, a fim de aperfeiçoá-la.

Eis, a sua finalidade precípua numa sociedade politicamente organizada. Dai, a sua importância para a existência humana, necessitada dessa árvore geradora do saber.

A Universidade é originária da Idade Média, século doze. É obra do Papado. A Sorbonne foi criada pelo Cônego Roberto de Sorbon, em 1232. De lá para cá, espalhou-se pelo mundo.

Nela, são preparados os docentes que transmitirão ensinamentos, os mais diversos. Dela, defluem os pesquisadores que, no recesso dos seus laboratórios descobrem os átomos das coisas. Por ela, passaram grandes vultos do pensamento, da técnica, da política, de cujo labor fatigante deve o mundo presente.

Ela, pela incessante mutação e aprimoramento, comanda e acompanha o avanço tecnológico da humanidade. É ela o laboratório teórico e experimental das conquistas do século. A sua finalidade não pode ser outra senão a de conceder ao homem, os meios mais acessíveis para domar as energias da natureza, represadas nas imensidões dos mares, nas suas regiões pelágicas,

nas entranhas geológicas da terra e na amplidão da atmosfera, em seus espaços ainda ignotos, como no vazio sideral.

Estas linhas preliminares convergem ao foco principal do presente texto, relativo à criação da Universidade do Seridó.

Dadivosa terra, acolhedora de uma gente ordeira e laboriosa, que anseia por uma instituição educativa de nível superior para a consecução dos estudos da sua mocidade, a fim de dilatar o seu horizonte cultural.

Que os políticos atuais se interessem por tão justa reivindicação, meritória sob todos os aspectos, concedendo o seu apoio irrestrito.

Seridó! Gleba geradora de filhos ilustres como Amaro Cavalcanti, literato, jurista, político, embaixador dos povos, na Corte Internacional de Justiça de Haia; os humanistas Vivaldo Pereira, Tristão de Barros e Thomaz Salustino, para citar alguns deles, que se nortearam pelo bom senso nas atitudes assumidas.

Os da política partidária, que fixaram seus nomes na tela do tempo: José Augusto, Juvenal Lamartine, Dinarte Mariz, Walfredo Gurgel e Cortez Pereira.

Qual outra região do torrão potiguar, historicamente comparável, em sabedoria e astúcia, na arte de governar? A audácia, a inteligência e o tirocínio, formaram o trinômio realizador de suas ações.

Seridó! Terra abençoada, generosa mãe de preclaros representantes do Clero, destacando-se o Padre João Maria Cavalcanti de Brito, Monsenhor Walfredo Gurgel, Cardeal Eugênio Sales e Dom Adelino Dantas, neles sobressaindo-se, respectivamente, a virtude da Caridade, a probidade na política, a alta visão administrativa e a ilustração no idioma do Lácio.

Quanta riqueza espiritual, na vida dessas personalidades marcantes!

O exemplo, na memória do tempo fixado, tem sido seguido, na medida do possível, por alguns vultos das gerações

sucedâneas, ao longo dos anos, em discípulos atuantes no magistério, na política e no sacerdócio.

Sob o aspecto educacional, tem se conservado um estrato de dedicados docentes, estando, os atuais, aptos, tornando-se naturais candidatos a ocupantes da docência da nova universidade que se anuncia.

Líderes dessa plêiade o Cônego José Mário de Medeiros, o Padre João Medeiros Filho e irmãos sacerdotes, preparados na seara das Letras, da Filosofia e da Educação, disciplinas da área humanista. Leigos diplomados na ambiência das ciências sociais aplicadas, assumirão a cátedra da Economia, do Direito, da Contabilidade e da Administração.

Estas, geralmente, as áreas adotadas, inicialmente, pelas nascentes universidades, numa visão sistêmica.

A Universidade do Seridó, como se vê, não terá dificuldades maiores para a sua instalação, já que possui, em sua comunidade, docência qualificada, o principal instrumento para o seu funcionamento.

O Brasil foi um dos últimos países da América, a ter universidade. Que essa perda seja compensada no presente, no interior da sua geografia. Longa, a noite de trevas, perdurada por séculos, desde o seu descobrimento. Mesmo, após a sua independência política, precisou cem anos serem decorridos para a implantação da sua primeira escola superior.

Estudiosos no assunto são unânimes em proclamar a existência de incumbências, pela universidade, que é dependente no meio em que ela se acha envolvida, geograficamente.

Deverá, ela, a universidade, atender, em parcela acentuada, à sociedade em que faz parte. A universidade de uma nação subdesenvolvida, por exemplo, terá de ter funções e objetivos bem diversos de outras, de um país desenvolvido.

Em suma, as adaptações devem nortear o projeto em estudo.

Naturalmente será dado interesse primacial ao aspecto econômico, as riquezas da região.

No caso do Seridó, avulta o interesse geológico, sem desprezar os demais. Se não for dada continuidade às pesquisas das jazidas do seu subsolo, elas continuarão adormecidas.

Chão opulento, em matéria de minérios, muito se poderia obter com o auxílio de laboratórios modernos de uma universidade.

Não somente o mineral é referência do seu solo fértil. A sua agricultura é outro setor importante. Recordável, é, ainda, a fama do seu algodão de fibra longa! E o seu rebanho gerador do seu queijo, tão procurado, acrescido a outras riquezas materiais, do seu espaço físico?

Na década de 1930 e início da seguinte, as suas jazidas foram examinadas, também, pelo Padre Luiz Monte, descobridor da Sheelita, em dita região cujo estudo firmou o convencimento de indícios da existência do Diamante, no Seridó, referido no jornal *A Ordem*, edição de 16 de abril de 1943.

Naquele tempo, o pesquisador Joel Dantas, o acompanhava nestes trabalhos e dele se valeu para alguns exames de minérios, no laboratório químico do Seminário de “São Pedro”, em Natal.

O então sacerdote Francisco das Chagas Gurgel, interessado que era, do assunto, escreveu no citado jornal católico uma série de artigos sobre os minérios da sua terra seridoense. Um desses escritos recebeu o título pitoresco: “Quando as Pedras se transformam em Pães”.

Todos têm ciência, na época, da mina de Sheelita, existente em Currais Novos. E que o garimpo, em solo potiguar, vem de distante data, atraindo interessados em transformar pedras em pães...

Um dos idealizadores da Universidade do Seridó, é o Advogado e Procurador do Estado, Nivaldo Brum Vilar Saldanha, vocacionado pelo magistério superior e que reúne as credenciais

de liderança para ser indicado o seu primeiro Reitor, diante do febril entusiasmo que devota à causa.

A criação da Universidade do Seridó será um marco da educação e um pronunciado avanço da cultura, em geral, favorecendo as futuras gerações desse portentoso rincão potiguar.

**\*Jurandyr Navarro** é escritor, autor de vários ensaios, organizou a antologia do Padre Monte, entre outros livros. Membro da Academia Norte-rio-grandense de Letras, ocupante da cadeira nº28.



“Tudo o que é bom, dura o tempo para ser  
inesquecível”

NOILDE PESSOA RAMALHO

*Eulália Barros\**

**A**s pessoas podem ser conhecidas pela beleza, pela gentileza, pela inteligência, pela erudição, pela dignidade, pela riqueza, pela educação. Essas foram características da personalidade de Dona Noilde, mas a mais marcante foi o seu pioneirismo e a liderança em favor da educação da mulher no Rio Grande do Norte, seguindo os ideais revolucionários do Dr. Henrique Castriciano.

Nascida em Nova Cruz, cidade referencial do Great Western, berço e celeiro de grandes nomes que influenciaram e influenciam a vida social, econômica e política do Rio Grande do Norte, veio estudar na Escola Doméstica em 1936, formando-se em 1939, ano em que a Escola comemorava o seu Jubileu de Prata.

Em 1940, foi convidada a integrar o corpo docente e, em 1945, com o término da gestão da professora Amélia Bezerra Filha (a D. Melisinha), assume a direção da Escola, enquanto aguardava a nomeação da nova Diretoria. Essa interinidade foi rápida. O Presidente da Liga de Ensino, o Dr. Manoel Varella Santiago Sobrinho, nomeou-a para o exercício do cargo de Diretora, não sei se cargo ou missão, mas acima de tudo pioneirismo e liderança que exerceu durante 65 anos.

D. Noilde tinha 25 anos de idade quando assumiu tão

importante e oneroso cargo, e em todos esses anos continuou jovial, alegre, elegante e aberta para novas mudanças e novas realizações, criando, inovando, modernizando, mas conservando o pensamento de Dr. Henrique: *“Formar uma mulher que, sem abrir mão de sua condição feminina, assumisse conscientemente e sabidamente o seu importante papel de agente da integração nacional. A mulher que se revelou capaz de aprender, pode e deve disputar um lugar na vida, ganhando-a pelo trabalho sério, metódico e inteligente”*. Nesse tempo, à época da fundação da Escola, em 1914, não se investia na educação feminina.

Cascudo diz: *“Os fazendeiros e mesmo os cidadãos proibiam o estudo - no caso aprender a ler - evitando assim que as filhas escrevessem aos namorados. Não apenas no Brasil, mas em toda a América Latina, permitia-se o livro religioso, e nunca o literário”*.

Era esse o preconceito que Dr. Henrique queria eliminar, em relação à educação da mulher. Para isso, era necessário primeiro a sabedoria doméstica como base desse conhecimento inicial, depois poderia ser advogada, dentista, engenheira, médica, professora ou doutora em qualquer ciência. A moça diplomada pela Escola Doméstica estaria em condições de poder escolher outro rumo, porque conhecia o seu mundo pelos duplos métodos racional e científico.

Aqui, nesta escola, antecipou-se a questão da mulher, das suas lutas, da sua submissão ao sair do espaço privado para o espaço público, sem abrir mão dos seus conhecimentos e da sua feminilidade. Isso foi o indicado ao Dr. Henrique, às professoras suíças e às professoras brasileiras.

D. Noilde seguia e exaltava as palavras de Dr. Henrique: *“educar e instruir”* e *“aprender fazendo”*, que a escola cuidadosamente e criteriosamente trata de tornar presente e futuro em alicerces cravados há 100 anos.

Uma vida com a contabilidade em dia do haver e do

dever, com as suas normas de civilidade e cidadania, onde as regras deveriam ser conhecidas pelo menos para desobedecê-las com conhecimento de causa.

Por aqui passaram meninas de várias regiões do Brasil com os seus sotaques e os seus costumes, recebendo os ensinamentos teórico-práticos desde o conhecimento de autores clássicos da literatura, música, pintura, poesia, até as disciplinas mais essenciais ao dia a dia - nutrição, puericultura, medicina do lar, jardinagem, leiteria, agricultura, cozinha prática, entre outras ciências necessárias para a formação total da mulher.

Ao se transferir da escola da Ribeira para a escola do Tirol, D. Noilde se sentiu realizada por poder atender não só à demanda de vagas, como o desdobramento do currículo com salas para laboratórios, biblioteca, piscina e a prática de esportes. A Escola do Tirol, pronta e inaugurada em 1º de março de 1954, tem seu prédio majestoso situado em 18 hectares de verde e dunas. As salas são amplas, claras e sempre refrescadas pela brisa do mar. Há espaço para todos os planos, presentes e futuros. Aí então D. Noilde se agiganta. Com o espaço disponível, funda a escola maternal em 1956, a primeira pré-escola particular de Natal. Em 1965, é inaugurado o ginásio de esportes, com 1200 m<sup>2</sup>, e em 1967 é inaugurado o prédio da Biblioteca Auta de Souza, com acervo inicial de 5.000 volumes.

O marco maior desse período foi a criação e inauguração do Complexo Educacional Henrique Castriciano, em 1987. É a escola alcança a sua maturidade didática com a criação da FARN, concretizando o sonho de Dr. Henrique do que seria o futuro; *“E como o mundo avança, e com ele a mulher, do curso secundário passaremos um dia ao curso superior, e aí será completa a nossa vitória”*.

Eu sou ex-aluna da Escola Doméstica, e como toda ex-aluna, ligada de modo filial a essa casa, onde aprendi que a mulher é o esteio e o alicerce de uma família; aqui aprendi que existem diferenças biológicas entre homem e mulher mas não existem dominações nem posses. Desses ensinamentos, com a régua e o compasso aqui adquiridos, traçamos a planta e o projeto da nossa

vida, com o exemplo e os ensinamentos de D. Noilde e toda a sua equipe, com destaque para a Prof<sup>a</sup> Margarida Cabral Morgantini - que era a porta aberta da ternura para as ex-alunas.

Quando vamos visitar a Escola, é como se voltássemos à nossa casa, sentindo outra vez os cheiros, os sons e as emoções da nossa mocidade e beber em sua fonte, para mitigar sedes e saciar antigas fomes. Mas viemos sobretudo apaziguar a nossa grande saudade. Essa é a escola de D. Noilde, sua garra, sua coragem, sua ousadia. É mestra, condutora, líder, amiga. Ela foi o pilar, a estrutura, a viga mestra, a condutora, a guardiã.

Quando for escrita um dia a verdadeira história da educação feminina do Brasil, certamente D. Noilde será a pioneira. Ela dedicou sua mocidade, sua vida e seus sonhos a essa escola. E haja Hoje para tanto Ontem.

E como diz Drummond:

*“...e as coisas findas  
muito mais que lindas  
essas ficarão...”*

**\*Eulália Barros** é ex-aluna ED e autora do livro ‘Uma Escola Suíça nos Trópicos’.  
Integrante do Conselho Estadual de Cultura

# O canto da fraternidade: pra liberdade, é que Jesus nos libertou

*Roberto Lima de Souza\**



## CAMPANHA DA FRATERNIDADE: DE NATAL PARA O BRASIL:

**D**izia Gilberto Freire que tudo o que acontece no Nordeste (e muitas vezes no Brasil) começa em Natal, embora nem sempre termine em Natal. Não foi diferente com alguns dos movimentos de Igreja que se espalharam pelo Nordeste e Brasil a fora, como as CEB's (Comunidades Eclesiais de Base), as campanhas de alfabetização de adulto e a Campanha da Fraternidade, nascidas em Natal à época do Cardeal Dom Eugênio de Araújo Sales.

A Campanha da Fraternidade aconteceu pela primeira vez em Natal, no ano de 1962. No ano seguinte espalhou-se pelo Nordeste e depois por outras dioceses do Brasil. A partir de 1965, passou a ser assumida pela CNBB em âmbito nacional e hoje extrapola o âmbito da Igreja Católica. A partir do ano de 2000, a CF assume caráter ecumênico com a participação de diversas Igrejas cristãs do Brasil de diferentes denominações. A cada cinco anos, a Campanha é genuinamente ecumênica.

A Campanha da Fraternidade - CF realiza-se anualmente, coordenada pela CNBB, sempre no período da quaresma. O seu objetivo geral é despertar a solidariedade dos cristãos e da população em relação a um problema concreto que envolve a sociedade brasileira, buscando caminhos de solução. A cada ano é escolhido um tema, que define a realidade concreta a ser transformada e um lema, que explicita em que direção se busca a transformação, à luz do Evangelho.

A partir de 1970, a Campanha da Fraternidade ganha o significativo apoio de uma mensagem do Papa apresentada através do rádio e da televisão, o que enriquece a sua abertura, na quarta-feira de cinzas.

### **A NOSSA PARTICIPAÇÃO NA CF ATRAVÉS DA MÚSICA:**

Anualmente, após definição do Tema e do Lema da Campanha, a CNBB lança edital, em âmbito nacional, do concurso para a escolha do Hino da Campanha da Fraternidade a se realizar no ano seguinte, do qual podem concorrer letristas e compositores de todo o Brasil, sob pseudônimo.

Antes do ano de 2000, o concurso era para a escolha dos cantos das missas do período quaresmal, dentro da temática da CF: Canto de Entrada, Canto de Aclamação ao Evangelho, Meditação ou refrão temático para o salmo, Canto de Apresentação das Oferendas e Canto de Comunhão. A partir do ano 2000, a campanha da Fraternidade assume um caráter mais ecumênico e o concurso passou a ser direcionado apenas para a escolha do Hino Oficial da Campanha, sendo aberto à participação de compositores de todas as igrejas cristãs de diferentes denominações.

Além do Concurso para a Música, a CNBB lança também, anualmente, edital para a escolha do cartaz oficial da campanha, aberto à participação de artistas plásticos, gráficos, fotógrafos e de áreas afins.

## **Primeiras Participações na CF:**

A nossa participação e contribuição com a Campanha da Fraternidade tem se dado através da música: letras e melodias.

No ano de 1973, participamos pela primeira vez do concurso para a escolha dos Cantos para a Campanha da Fraternidade. Àquela época, o Edital não era lançado pela Internet, que não havia ainda, mas através de jornais e chegava principalmente através das paróquias. Lembro-me bem que foi o Pe. Pio, pároco, à época, das Paróquias integradas de Morro Branco, Lagoa Seca e Potilândia (Lagoa Nova), quem nos estimulou a participar daquele concurso, que tinha como lema “O egoísmo escraviza, o amor liberta”. Fomos convidado para apresentar a nossa Missa (Letra e Música) em Recife, no Regional e tivemos a alegria de ter uma música escolhida, pela comissão nacional. Foi um “Canto de Meditação” que integrou os cantos da missa, juntamente com outros cantos do Pe. Zezinho.

Uma curiosidade sobre esse nosso canto é que, em 1976, quando estava cursando o mestrado na UNICAMP, em Campinas-SP, fui assistir a uma missa na Catedral da Cidade e tive a grata alegria de ouvir a nossa música cantada por toda a assembleia, acompanhando a letra, que estava incluída no livro de cantos da Diocese. Aquele canto havia ultrapassado os limites da CF. Foi outro estímulo a que voltássemos a participar.

Assim foi, por exemplo, na CF de 1978, “Trabalho e Justiça para Todos!”; em 1986, “Terra de Deus, Terra de irmãos”; em 1993, “Fraternidade e Moradia”; em 1996, “Justiça e Paz se abraçarão” e outras campanhas, quando tivemos músicas ou letras contempladas entre as escolhidas pela comissão Nacional.

## **A Fase dos Hinos da Campanha da Fraternidade:**

A partir de 2000, a campanha da Fraternidade assumiu apenas um hino oficial para divulgação da campanha através de vídeos, clips e, sobretudo, para ser cantado nas celebrações durante o período da Campanha. Para as campanhas de 2000 a 2012, o concurso para a escolha do hino, era realizado em duas fases. A primeira fase destinava-se à escolha da Letra, dentro dos

critérios da técnica de composição poética para ser musicada, da coerência com o tema e da fundamentação bíblica. Feita a escolha da letra, na primeira fase, era lançada a segunda fase do concurso para a escolha da música sobre a letra escolhida na fase anterior, observando-se agora os critérios técnicos de composição musical, observando-se a prosódia, uma melodia acessível, sem muitos cromatismos, mas não banal, e preferencialmente inserida dentro da cultura musical brasileira.

A partir deste ano de 2014, a escolha do hino passou a ser feita em uma única fase, (Letra e música simultaneamente) onde o autor ou autores (no caso de parcerias) deveriam inscrever a sua composição observando-se todos os critérios tanto para a letra quanto para a música.

Nesta fase dos hinos, tivemos, em 2007, o nosso poema inscrito no concurso de letras, escolhido para ser a letra oficial da Campanha da Fraternidade daquele ano. O tema era: “Amazônia e Fraternidade” e o lema, “Vida e Missão nesse chão!”

Era um tema que fortemente me tocava, a mim que tivera a oportunidade de conhecer a Amazônia de perto, pela primeira vez, através do meu avô materno, João Afonso de Lima que morava no Pará e que me possibilitou viagens incríveis por aquela região. A primeira estrofe da nossa letra dizia: “Seja o verde o sinal da esperança / Na Amazônia, rincão da aliança, / sem os males que gera a cobiça. / Com o Cristo que tudo renova / Haveremos de ter terra nova / Nova terra, onde reina a justiça!... O refrão cantava: “Rios, lagos, florestas e povos / Bendizei ao Senhor na Canção! / É canção que constrói tempos novos / Nossa vida e missão neste chão!”

Escolhida a letra, houve o concurso para a Música. Naquele ano, por feliz coincidência, o meu irmão Evaristo Martins de Souza Neto, que é da Petrobrás, estava trabalhando e morando em Manaus. Ele, que também é compositor, participou do concurso para a Música, e teve a sua composição, que fora escrita em ritmo de “Boi Bumbá”, escolhida para ser a melodia do Hino Oficial da CF 2007. Foi uma alegria geral, fato inédito



que surpreendeu a coordenação do Concurso, que, ao informá-lo de que vencera o concurso da música tomou conhecimento de que se tratava também do irmão do autor da letra.

Em 2012, o tema da Campanha foi “Fraternidade e Saúde Pública” e o lema “Que a saúde se difunda sobre a terra.” O concurso, como de praxe, realizou-se no ano anterior, ano em que participava da Administração do Município, tendo conhecido, mais de perto, o drama e as dificuldades da Saúde pública, dos problemas estruturais e conjunturais, a lamentável acomodação de alguns, mas também o trabalho incansável de tantos outros dedicados servidores públicos. Nesse concurso, tivemos também a nosso poema escolhido para letra oficial do Hino Campanha da Fraternidade 2012, que teve música do compositor paulista Júlio César Marques Ricarte.

### **A CF de 2014: “É para a liberdade que Cristo nos Libertou”:**

Em 2013, foi lançado, pelo setor de Música Litúrgica da CNBB, o Edital para a escolha do hino da Campanha da Fraternidade de 2014, letra e música simultaneamente. O tema escolhido foi “Fraternidade e Tráfico Humano”, e o lema, “É para a liberdade que Cristo nos libertou”. Tratava-se, realmente de um tema um tanto árido. Tínhamos já resolvido que, nesse ano, não participaríamos do concurso. De fato, venceu-se o prazo das inscrições sem que eu tivesse feito ou inscrito qualquer composição. Eis, porém, que o edital é relançado, estendendo o prazo das inscrições, e a CNBB envia simultaneamente um e-mail a todos os compositores e letristas cadastrados, exortando-os à participação. Dias depois, dirigindo nesse trânsito caótico, comecei a solfejar o lema da Campanha “É para a liberdade que Cristo nos libertou”, com uma melodia que me veio à mente. No dia seguinte, em meu escritório, lembrei a melodia e comecei a cantar. Fui seguido, nas repetições, pela minha neta Alice de 5 anos, que, de imediato começou também a cantar. Decidi, então, continuar a composição, e seguiram-se as estrofes, letra e música.

Passei a melodia para a pauta, imprimi juntamente com a letra e enviei para o concurso, no último dia do prazo, a nossa proposta de Hino com o título de “Pra Liberdade é que Jesus nos Libertou”.

Tempos depois, com grande alegria, recebi uma ligação da CNBB informando que o meu Hino, que fora pré-selecionado entre os cinco finalistas a serem apresentados à decisão dos bispos, foi o escolhido, por unanimidade — pela primeira vez — para ser o hino oficial da Campanha da Fraternidade de 2014. Pela primeira vez também, letra e música eram de um único autor: Em 2014, o canto da fraternidade é *“Para a liberdade é que Cristo nos Libertou”*.

**O refrão:** O refrão destaca o lema da Campanha, tirado da epístola de São Paulo aos Gálatas, e a exclamação “Jesus Libertador!”, evoca a teologia da libertação tão universal e tão latino-americana.

**É para a liberdade que Cristo nos libertou,  
Jesus libertador!  
É para a Liberdade, que Cristo nos libertou!**  
(Cf. Gl 5, 1)

**Primeira estrofe:** A primeira estrofe coloca em evidência alguns dos fundamentos bíblicos da dignidade humana: O homem criado à imagem e semelhança de Deus conforme o Gênesis, livro primeiro da Bíblia, e o resgate de toda a humanidade pelo Cristo na cruz, enfatizando o lema da campanha, ainda conforme a epístola de São Paulo. A ideia é mostrar que o corpo de Cristo é novamente dilacerado a cada vez que se escraviza ou se atenta, de qualquer forma, contra a dignidade de qualquer ser humano.

1. Deus não quer ver seus filhos sendo escravizados;  
À semelhança e à sua imagem, os criou. (Cf. Gn 1,27)  
Na cruz de Cristo, foram todos resgatados:  
Pra liberdade é que Jesus nos libertou. (Cf. Gl 5, 1)

**Segunda estrofe:** A segunda estrofe descreve a forma

mais comum de tráfico humano, em que a vítima é enganada e, sob falsas promessas, é levada a condições desumanas, análogas ao trabalho escravo.

2. Há tanta gente que, ao buscar nova alvorada,  
Sai pela estrada a procurar libertação;  
Mas como é triste ver, ao fim da caminhada,  
Que foi levada a trabalhar na escravidão.

**Terceira estrofe:** A terceira estrofe descreve traços comuns das condições em que se sentem e são postas as vítimas do tráfico humano. A dignidade que, intrinsecamente a pessoa jamais pode perder, é aviltada extrinsecamente, vendo-se a pessoa dela desapropriada. Denuncia-se também a falta de aparatos estatais eficazes e de mais ações humanas eficientes para mudar a situação.

3. E quantos chegam a perder a dignidade,  
Sua cidade, a família, o seu valor.  
Falta justiça, falta mais fraternidade,  
Pra libertá-los para a vida e para o amor!

**Quarta estrofe:** A quarta estrofe exorta e nos convoca, à missão que deve ser abraçada pelos cristãos e cidadãos e que é focada em uma visão de futuro desafiadora, comprometida com um mundo novo, à luz das propostas do evangelho libertador. Há claras inspirações na epístola de São Paulo aos Hebreus, no livros do Apocalipse e no Evangelho de São João.

4. Que abracemos a certeza da esperança, (Cf. Hb 6, 11)  
Que já nos lança, nessa marcha em comunhão,  
Pra novo céu e nova terra da aliança, (Cf. Ap 21,1)  
De liberdade e vida plena para o irmão. (Cf. Jo 10,10)  
Fiquei realmente feliz por ver uma música nossa cantada

em todo o Brasil e, mais ainda, por estar contribuindo, mais uma vez, para a Campanha da Fraternidade, pondo-me sempre a serviço de Deus e da Igreja.

A repercussão do hino foi realmente muito boa. Recebi mensagens de todo o Brasil, além de material como Vídeos, pdf's, depoimentos e tantos outros trabalhos que me mostraram bem a solidariedade também na alegria. Se a solidariedade, na tristeza, é confortante, na alegria é contagiante. É o canto feliz da fraternidade!

### Hino da CF 2014

1

Tema: Fraternidade e tráfico humano  
Lema: "É para a liberdade que Cristo nos libertou!" (Gl 5,1)

L. & M.: Roberto Lima de Souza

Introdução

Refr.: É pa - ra a li - ber - da - de que Cris - to nos li - ber -  
 tou, Je - sus li - ber - ta - dor! É pa - ra a li - ber - da - de que Cris - to nos li - ber -  
 tou! 1. Deus não quer ver seus fi - lhos sen - do - es - cra - vi - za - dos, à se - me -  
 lhan - ça e à su - a i - ma - gem, os cri - ou. Na cruz de Cris - to, fo - ram to - dos res - ga -  
 ta - dos: Pra li - ber - da - de - é que Je - sus nos li - ber - tou!

É para a liberdade que Cristo nos libertou,  
 Jesus libertador!  
 É para a liberdade que Cristo nos libertou! (Gl 5,1)

1. Deus não quer ver seus filhos sendo escravizados,  
 À semelhança e à sua imagem, os criou. (Cf. Gn 1,27)  
 Na cruz de Cristo, foram todos resgatados  
 Pra liberdade é que Jesus nos libertou! (Gl 5,1)

3. E quantos chegam a perder a dignidade,  
 Sua cidade, a família, o seu valor.  
 Falta justiça, falta mais fraternidade  
 Pra libertá-los para a vida e para o amor!

2. Há tanta gente que, ao buscar nova alvorada,  
 Sai pela estrada a procurar libertação;  
 Mas como é triste ver, ao fim da caminhada,  
 Que foi levada a trabalhar na escravidão!

4. Que abracemos a certeza da esperança, (Cf. Hb 6,11)  
 Que já nos lança, nessa marcha em comunhão.  
 Pra novo céu e nova terra da aliança, (Cf. Ap 21,1)  
 De liberdade e vida plena para o irmão... (Cf. Jo 10,10)

\* **Roberto Lima** é poeta e compositor, Presidente da UBE/RN

## A importância do essencial

*Anna Maria Cascudo Barreto\**

**“Que pensará o cântaro da fonte ou vice-versa? O homem saberá o sabor do mel além das abelhas? Quero sempre saber o porquê das coisas...” - Luis da Câmara Cascudo.**

**I**dentidade. Afeto. Compreensão das semelhanças. Criança, já era solicitada para companhia. Razão repetida: temperamento idêntico.

Não me cansavam os desafios dos violeiros e assistia sem bocejos — até com encantamento — as naus-catarinetas, os bambelôs. Aprendi a dançar nos pastoris. Minhas estórias primárias, as descrições fantásticas dos pescadores.

Insone, era intimada a adormecer com aventuras narradas pelo meu pai e avó Sinhá. Recordo bem da descrição das sereias, cujo canto levava ao fundo do mar. Ulisses era meu herói, tanto quanto o Saci. Mamãe reclamava: ela dorme de puro medo...

Madrinha Sinhá, avó materna, contava lendas macias, tranquilas. Vez por outra ia ao piano, interpretando Chopin ou Schubert. Os acordes me faziam chorar, emocionada. Papai amava Clair de Lune, de Debussy.

Tantas histórias, algumas inconclusas, me obrigaram a procurar nos livros os seus finais. Os volumes tinham poucas

figuras, somente letras agrupadas, forçando-me a inventar as soluções. Ciumento com seus tesouros brochados, um dia papai cansou de ver nas páginas a sujeira dos meus dedos infantis. Mandou que eu me sentasse à mesa, abriu uma cartilha e iniciou: “Ivo vê a Uva”. E o universo das palavras se abriu ante meus olhos de criança.

Mal sabia ler, já tinha obrigações. Dar recados. Anotar os ingredientes do peixe cozido da mulher de Pedro Perna Santa.

Descer o morro de Areia Preta, numa tábua untada de sebo, cercada pelas filhas dos pescadores era um luxo. Impossível ter preconceitos, elas eram bem moreninhas... e queridas. Mamãe não se habituava por eu não ser nem branquinha, nem alta nem gorda. Essa era a beleza da época. Esbelta, só me elogiavam os olhos. Eu me sentia como o gato de Alice, quanto ao sorriso...

Achava natural e fascinante ir à Umbanda. Sabia de cor os pontos, experimentava os pratos preferidos pelos orixás. Fui ao peji (altar) e fui batizada com sangue. Filha de Iansã, assegurou o Babalorixá. Os mestres do folclore eram constantemente presos. A polícia os rotulava de vadios. Papai, indignado, ia solta-los e explicar sua opinião na Delegacia de Polícia. Eu era deixada em casa pelos dançarinos ou estudiosos. Muitas vezes Iaponi Araújo e Iaperi me deixavam no portão.

As freiras do Colégio da Imaculada Conceição — onde estudei do Maternal até o vestibular — não apreciavam a extensão da minha educação nesse setor. Mamãe era chamada a atenção, mas papai se limitava a sorrir e levar-me na sua companhia em locais considerados “pouco recomendáveis para meninas de boa família”. Várias vezes repeti no confessionário pecado de apreciar comida e dança “de Santo”. Santo coisa nenhuma, resmungava o padre; bruxos, feiticeiros é que são!...

Por um milagre divino, eu não era solitária, mas enturmada e estimada pelas colegas. Isso apesar de um estilo original de viver. Arilda Tania Cavalcanti Marinho, Guacira Galvão Gondim, Moema Ferreira de Souza, Selma Dantas, Selma da Câmara Lima, Edna Furtado da Câmara, Zaira Lisboa, Salete

Bezerra, algumas das muitas inesquecíveis. As famílias raramente possuíam automóveis, andávamos a pé, de saltinho alto, para o cinema, os bailes do Aero e do América, sem esquecer-se do ABC. À noite, sempre acompanhadas dos nossos pais. Nas férias, ia para o Recife. O mano Fernando Luís estudava lá, e tinha primas muito estimadas, as Lagrecas. Assistia operetas no Teatro Santa Isabel, acompanhando canto e ação através de um libreto. Em Pernambuco muitos jantares eram à francesa. No Grande Hotel do Recife, onde nos hospedávamos (embora preferisse ficar com as primas) assisti a um desfile de Maracatu da varanda do primeiro andar. Fiquei entre papai e Dorival Caymmi. Surpreendeu-me o fato de conhecerem todos os personagens pelo nome, e eles acenarem com naturalidade e carinho. Algo mágico!

Luiz Gonzaga estava sempre presente, com seu acordeom e sua simpatia, cantando e perguntando. Com ele um amigo alto, bonitão, vestido de branco, elegante, falante. Era o médico Zé Dantas, parceiro de Lula, pai da amiga de sempre Sandra Dantas Elali. Gente demais, visitas, alegria. Jordão Emerenciano, Gilberto Osório, Gilberto Freire, Nilo Pereira. Ascenso Ferreira e seu vozeirão. Papai “não chegava para quem queriam”, os convites eram constantes. Joãozinho, Edinho, Gilvan Bezerril do Trio Irakitan vinham com Fernando. Jackson do Pandeiro, Silvio Caldas, Nelson Gonçalves.

Voltando a Natal, papai se dizia saudoso dos amigos Oto Guerra, Elói de Souza, Henrique Castriciano, Jaime Wanderley, Babuá, Onofre Lopes, Oswaldo Lamartine, Oswaldo de Souza, Varela Santiago e minha Madrinha de Lourdes, Renato Dantas, Silvio Pedrosa, Januário Cicco, Américo de Oliveira Costa, Zila Mamede, Palmira Wanderley, Danilo, Manuel Rodrigues de Melo, Verissimo de Melo, Djalma Maranhão, Djalma Marinho, Ulisses de Gois, Dinarte Mariz, Aluísio Alves, Jorge O Grady de Paiva, Odilon Garcia, Zeroncio, Alvamar Furtado, Edgar Barbosa, e dos mais novos, Newton Navarro e Dorian Gray Caldas. (Cito apenas alguns). Suas famílias também nos frequentavam na Natal de outrora, onde todos se conheciam. Estrangeiros, lembro apenas dos chilenos.

Só quando era adolescente entendi que papai era uma celebridade. Lia livros, revistas, e reconhecia os perfis: Monteiro Lobato, Jorge Amado, Menotti Del Pichia. Gente que era comentada em casa ou a frequentava assiduamente e era notícia. As colegas pediram autógrafos. Fiquei muito encabulada, mas consegui foto autografada de José Mauro de Vasconcelos. Um sucesso no Colégio!. Ângela Maria, recebi uma meia dúzia de retratos e distribuí.

Musicalmente, apaixonei-me pela Bossa Nova. Escrevia em A República em coluna, “Cantinho do Hi-Fi”. Consegui que Roberto Furtado, através da Prefeitura, trouxesse à cidade Silvinha Telles e Roberto Menescal. Apresentaram-se no Cine Rio Grande; e depois veio Waldir Calmon. Da varanda da casa, assisti Ary Barroso, que papai amava, imitar os trejeitos de uma Baiana na calçada. Severino Araújo e sua Orquestra Tabajara me fizeram uma serenata depois de coluna alusiva que consideraram excelente.



Estava deitada numa rede, dormindo, quando papai e mamãe me acordaram para tomar champanhe francesa. Fora



aprovada com louvor na Primeira Turma da Faculdade de Direito do Natal. Vi meus pais chorarem de emoção no meu primeiro júri como adjunto de Promotor. Estava no segundo ano e lembro-me do Professor Paulo Pinheiro de Viveiros jurando estar orgulhoso de mim. Enfrentei dois Professores e fui vitoriosa! Esses momentos são bênçãos de Deus.

Posso afirmar que fui muito amada pelos meus pais e avós, de grande importância para o equilíbrio psíquico por toda a vida. Conheci Diógenes na Faculdade de Direito; graças a sua identificação com papai ele se transformou em outro irmão, pelos laços do afeto. Até hoje somos muito ligados espiritualmente.

Meu pai tinha uma curiosidade incomum por fatos comezinhos. Buscava as raízes de tudo, gestuais, brincados, frases. Surprendia-me seu cuidado por documentos. Promotora de Justiça, sempre que ia para as Comarcas, levava uma lista de nomes para procurar seu nascimento, filhos, datas da morte. Levantamento difícil, pois se tratavam de figuras antigas. Normalmente não eram encontrados em cartórios “normais”, mas em arquivos mortos, já em desuso. Consultá-los proporcionava-me gripes homéricas e alergias incontroláveis. Mas sabia da importância daqueles documentos comprobatórios para sua obra e nunca me recusei à sua procura.

Estando uma vez na casa de Silvinha Telles, no Rio de Janeiro, ela me apresentou ao seu marido da época. Tratava-se de Aloisio de Oliveira, do “Bando da Lua”, que acompanhara Carmen Miranda em Hollywood. Ele me contou que trouxera muitos bilhetes de Walt Disney para papai, consultando-o sobre coisas brasileiras, entregando-os ao primo Eider Varela que depois lhe trazia as respostas. Infelizmente nunca os encontramos.

Certo dia eu passei próximo a papai levando uma flanela laranja, para lavar meu Volks, guardado na Capitania dos Portos.

- Quer me doar essa flanela? (Perguntou papai, já tentando pega-la).

- Para que, papai? Ela é velha!

-Acredito no poder das cores. Laranja energiza e aumenta a criatividade.

Ele era assim. Muito antes de ser estudada a psicologia dos tons e sua influência, já conhecia o assunto. Sempre muito além do seu tempo...

Outra vez, o folclorista paraense Nunes Pereira adentrou a biblioteca trazendo um índio imenso e semidespido. Papai ficou radiante. Nunes foi para o Hotel; o índio acocorou-se em frente à rede do meu pai. Durante toda a noite conversaram e fumaram. Mamãe e eu, admiradas por aquele conhecimento linguístico do idioma ameríndio, ficamos muito incomodadas pelo falatório. Eu não consegui estudar e nem ela dormiu. Pela manhã os dois comeram beijus e tapiocas e saíram juntos.

Papai se rotulava “um pianeiro”. Gostava de tocar as modinhas de Heckel Tavares e de Oswaldo de Souza. Admirava os foxes-trotes norte-americanos. Contou-me que durante a guerra (ele era Chefe da Defesa Passiva) estava tocando Cole Porter (nós morávamos na Rua da Conceição) quando ouviu um coral afinadíssimo. Eram soldados americanos, felizes em escutar melodias conhecidas. Todos entraram e cantaram.

Quando eu estava na Faculdade de Direito, era moda fazer serenata e os acadêmicos sempre cantavam à nossa porta. Papai achava graça, mas a repetição o incomodava porque trabalhava à noite. Certo dia eu lhe assegurei que era uma homenagem a ele, mas Márcio Marinho começou a tocar “Vem cá, cintura fina, cintura de pilão.” Morrendo de rir, papai disse: “Nota-se que a serenata é dedicada ao professor...”

Os folguedos populares eram a sua paixão, mas uma vez ouvi quando ele comentava com Djalma Maranhão, Mailde e Moacir de Gois a possibilidade de, com o tempo, eles se modificarem. Papai assegurou: **O IMPORTANTE É MANTER A ESSÊNCIA.**

Diógenes da Cunha Lima é, para nossa família, um autêntico membro, um irmão. Questiono-me se ele e Vicente

Serejo, almas fraternas no amor cascudiano, não teriam sido filhos de papai em vidas passadas? Sendo espiritualista, acredito em tal possibilidade.

Na Academia Norte-rio-grandense de Letras, que papai fundou com um grupo de sábios, ocupo hoje a Secretaria Geral, o cargo que ele aceitou. Diógenes é o Presidente e unidos aos outros trinta e oito intelectuais, procuramos incentivar e valorizar o cenário cultural potiguar.

O presente livro, “Cascudo, um Brasileiro Feliz”, já na sua consagrada quarta edição, é um dicionário de emoções e fatos, além de opiniões de alto nível quanto a obra de Luis da Câmara Cascudo. Atrevo-me a afirmar que se ele estivesse entre nós com sua vestimenta corpórea (pois sua presença espiritual é profunda e inegável) meu pai daria uma excelente nota ao seu eterno discípulo.

Para mim, restou enriquecer o volume com lembranças inéditas, abraçando o autor pelo conteúdo diferenciado e de texto agradável das suas memórias.

Comparo o autor, Diógenes da Cunha Lima, a Sidarta, na sua busca à perfeição através de vários caminhos. Seu Nirvana é a Música e o seu Mestre é Cascudo. Assim acompanhado, penetra na sonhada paz Budista, a sabedoria da simplicidade, a aceitação e o lirismo.

Natal, 11 de março de 2014,

(Prefácio da 4ª Edição de Cascudo, um Brasileiro Feliz de Diógenes da Cunha Lima)

**\*Anna Maria Cascudo Barreto** é escritora, autora de “O Colecionador de Crepúsculos” e outros livros, ocupante da cadeira nº 13 da Academia Norte-rio-grandense de Letras, sócia correspondente da Academia Paulista de Letras Presidente do Lúdvicus-Instituto Câmara Cascudo.

## Dois textos inéditos de Câmara Cascudo

Em agosto de 1976 Câmara Cascudo foi convidado a participar de um Painel sobre o desenvolvimento econômico do nordeste realizado no Rio de Janeiro. Não podendo comparecer, designou o seu amigo Genivaldo Barros\* para representá-lo, enviando-lhe um bilhete nos seguintes termos.

*“GENIBALDO querido.*

*“Fui obrigado a ir á Redinha para os efeitos de filmagem e gravação. Muito custa a este velho papagaio surdo tentar vencer o Esquecimento do ano 3000. Passo às suas mãos a minha mensagem de confiança e credulidade no PAINEL. Por mais empertigado e formal que seja, será uma assembléia brasileira, expondo, estudando, opinando sobre a gente povoadora da AMADA TERRA DO BRASIL, como V. cantou quando rapazinho.*

*Um grande abraço e Deus o abençõe.*

*Seu velho*

*Luís*

*27- VIII – 76”*

Doutor Genivaldo, na oportunidade leu a mensagem do mestre, a qual transcrevemos a seguir em primeira mão.

VICTOR HUGO, surgido em 1802, orgulhava-se do século XIX contar dois anos quando ele nascera. Bem diversamente, sendo de 1898, eu é que vivia dois anos quando o sec. XX apareceu. Vi-o criança, menino, rapaz, adulto e ancião, testemunhando a

progressão tempestuosa e deslumbrante. Ao contrário d'alguns dogmas sociológicos, todo século possui seus problemas e mais os problemas que as épocas anteriores não resolveram. Herança que enriquece e perturba a sequência psicológica dos cem anos correntes. Não podendo participar do PAINEL, concedo-me a distância em simpatia uma visão de conjunto, movimento e cor através do temário debatido. Uma surpreendente "promoção" do HOMEM PRÁTICO, reunido no Alto Colegiado Prelático do Comercio, que tantos julgam constituído fundamentalmente pelos vassallos devotos do LUCRO. Gostaria de saber se cem anos antes o HOMEM PRÁTICO conceberia uma assembleia estudiosa, dedicada, tanto pela Inteligência como pelo Coração, ao estudo expositivo da vivência do Brasil contemporâneo na paisagem natural da sua ecologia determinante.

O problema positivo e alto é o processo material de assegurar a sobrevivência brasileira, no Espaço e no Tempo, anulando as forças negativas, responsáveis pelo retardamento ou dispersão estéril no plano econômico. Professor de Província em meio século, 1918-1968, vivo a divulgação e defesa da convicção moral de que a colaboração do Brasil ao Mundo será tanto mais vantajosa e nobre quanto mais constituir a expressão autêntica de sua LEGITIMIDADE.

Desejava que o PAINEL SOBRE O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO DO NORDESTE sentisse a repercussão afetuosa das mais pequeninas e distantes solidariedades, onde me incluo. Que elementos garantem a perpetuidade populacional do País? Nutrição, Higiene, Habitação, Organização produtiva, Tranquilidade ambiente? Uma *step with history*, breve viagem com a História leal, evidencia que estes fatores podem influir ou escapam a apreciação julgadora por inoperantes. Os grandes, robustos, impetuosos conquistadores, irresistíveis e maravilhosos de violência, desapareceram num turbilhão de areia e sangue. Inenarravelmente antigos, vindos da noite mais recuada no conhecimento antropológico, atravessando os milênios de Fome e Massacre, continuam nossos contemporâneos, *our primitive contemporaries* como o Prof. Murdok os denomina, povos famintos, sujeitos e primários, deliberadamente ignorando os elementos recursos da alimentação, do simples asseio, da melhoria racional para as técnicas de obtenção indispensáveis. As fartas, pomposas e poderosas Civilizações do Golfo Pérsico, derramadas pela Ásia dominadora, dissolveram-se no Tempo, com seus palácios, aquedutos e templos

assombrosos, constatados nas escavações arqueológicas. Vivem, teimosos, inassimiláveis, enigmáticos, Arandas da Austrália, Ainos do Japão, Pigmeus nas florestas de Ituri, no Zaire. Permanecem desafiando toda aparelhagem científica do séc. XX, como Diluvianos que recusassem a Arca e fossem salvos pelo milagre da obstinação. Pergunta-se, como o Prof Fanconi : - HAS MALNUTRITION ONLY BAD CONSEQUENCE ? A Miséria habitual não dará uma legitima defesa aos Males do Acaso e do Acidente ? Os Árabes respondem pela afirmativa. Um poeta imortal do séc.XIV, EL-EDRISE, (1360 – 1442), canta, num poema famoso :

-VOU AO DESERTO, DISSE A MISÉRIA.

-VOU CONTIGO, RESPONDEU A SAÚDE!

-E A ABUNDÂNCIA : - VOU AO EGÍPTO !

-ACOMPANHO-TE!EFOITAMBÉMARESIGNAÇÃO...

Às avessas de Spengler e Toynbee, creio que as Civilizações sejam planos em espiral, jamais em círculo, a serpente mordendo a cauda. Não somos pela Terra autarquias mas Continuidades . LA SANTA CONTINUIDAD, como ensina Eugenio D'OR. Somos herdeiros e doadores de Civilizações. O uso, nacionaliza. Os pobres, humildes, obscuros, camadas básicas da Nação, não se suicidam. O suicídio é fórmula liberatória da Angústia para os que foram felizes. As condições econômicas da pátria do Deus-Homem eram tão precárias e melancólicas que, anunciado o Filho de Deus e denunciado o berço, Natanael perguntou : PODE ALGUMA COISA BOA VIR DE NAZARÉ? ( João, 1,46). Inconcebível, no determinismo da nossa credulidade científica, que Nazaré produzisse justamente a Jesus Cristo ! Não farei jamais o elogio da Miséria ou da Enfermidade , anuladora do Esforço, assassina do Ânimo. Não lembro os Gênios enfermos. Essencial é que o PAINEL exponha às atenções brasileiras também a presença do Espirito, transfigurador da humildade morfológica. O físico de Ruy Barbosa, Santos Dumont, Machado de Assis, nossas glórias. O sertanejo veterano de jejuns e de calamidades, produzindo o Vaqueiro e o Cantador, empolgantes. Esse ESPÍRITO, incapaz de merecer entendimento de tantos e sim a exaltação minoritária, defende, custodia, guarda a semente, a transmissão, a contemporaneidade do Homem do Brasil. Deveríamos contratar a fauna que o assalta de

pessimismo, tédio, angústia e luxúria, sobretudo de tristeza e desânimo, vícios de importação e contágio oral. Crer que exista uma Consciência do Grupo Humano, uma força obscura e tenaz, trazendo-o de século a século até o esplendor do Entendimento, solidarismo, entusiasmo associativo.

Esse ESPÍRITO não é GÊNIO DA RAÇA, égide da Cultura, mas a sua impulsão salvadora do aniquilamento. Trouxe o Aino do Neolito ao ano da Astronave. O Pigmeu do Zaire ao milagre da cirurgia nervosa. Contratar a literatura, escrita e oral, industrializando a inquietação da Angústia, estrangulando as alegrias da Convivência normal, reconduzindo o Homem ao modelo bestial, feroz e bruto, reduzido a exaltação do Estômago e ao delírio do Sexo. Essa mobilização terapêutica dissipará o sinistro corvejar dos agouros quotidianos, restituindo a tradição milenar da Alegria na Pobreza e a Suficiência na Frugalidade. POBRETE MAS ALEGRETA. Alegria é alimento, vitamina, benção do Paraíso. Angústia é a mãe do Câncer.

Paul Morand escreveu: DIRE QU'ON PENSE EST LE LUXE DES VIEILLARDS. Idade é credencial desculpativa e perdoadora. Meus 78 dezembros já concedem este luxo, triste e feliz...

Natal, 27 – VIII – 76.

Luís da Câmara Cascudo.

\***Genivaldo Barros**, médico e professor, ex-reitor da UFRN, ex-vice Governador do Estado, conselheiro do Tribunal de Contas aposentado, nos cedeu gentilmente os textos em referência.







# Poesias



2014

# Florença

*Dorian Gray Caldas \**

*Para Diógenes da Cunha Lima*

Viajamos. (Na noite?) É noite.  
Um anjo de Boticelli voa  
de encontro à abóboda do céu  
à altura do campanário de Giotto.  
Pousa na torre gótica florentina.  
Arcos de flores da Primavera  
deslaçadas das virgens  
de túnicas transparentes : transparências  
Primavera. Vênus se cobre de vergonha,  
os cabelos serpenteiam seu corpo  
em curva gestual; sacerdotisa do amor,  
amante que se debruça sobre o amado  
O sagrado ritmo da vida.  
Florença de mármore de todas as cores  
La plaza Del Duomo e a cúpula da catedral  
De Brunelleschi “os nervos que a rodeiam”  
em aspirais para o eterno.  
Portal de Bronze do Batistério na praça  
do Santa Maria del Fiore,  
a obra prima de Ghiberti, o inspirado

As esculturas inacabadas de Miguel Angelo,  
o rosto lívido de Cristo se antecipa  
no olhar de água lustral  
de sua mãe súplice. Falam a vida  
os mármore, a alma dúctil da pedra,  
a luz branca imaterial da vida  
movendo-se nas águas.  
Davi no arco da portada  
triumfa da morte. Miguel Ângelo sabia  
que a morte canta a sua “canção em meio a vida”  
e que era preciso erguer Davi. o belo  
e salvar a arte A sua presença vence  
a nossa fragilidade A sua ausência está  
repleta como um mármore está repleto de sua essência.  
É o que excede da arte : a alma do incomensurável  
Florença, Florença. Leio os poemas do Miguel Ângelo,  
“Rime” choro sobre o seu túmulo em Santa Croce  
Foi aí mesmo que lhe enterraram? Será que a morte  
pode fazê-lo morto ? Ou sua alma branca voou  
entre os brancos deuses da abóbada celeste?  
Florença, Florença. O principio  
anuncia-se pelas mortes e as artes  
edificadas. Os séculos nos ensinam  
a lembrar só os milagres.

\* **Dorian Gray Caldas** é artista plástico, poeta e escritor, ocupante da cadeira nº9 da Academia Norte-rio-grandense de Letras.

## Dois poemas de Racine Santos\*

### Lajeados

*Para Ariano Suassuna*

As pedras deste reino ensolarado,  
recortando a paisagem sertaneja,  
são torres que se elevam de um sobrado  
onde mora o segredo e a luz sobeja.

Minaretes de sonhos, catedrais,  
ameias de castelos encantados,  
ali moram dragões, vivem jograis,  
princesas, cascavéis, reis degolados.

Altars pelo sangue consagrados  
às lendas, orações, clamores, gritos  
que envolvem de mistério os lajeados.

Em torno gaviões celebram ritos,  
o Encoberto vê o sonho edificado  
e o vento reza à noite seus benditos.

## A Indesejada

Pelo sol desossado o gado morto,  
pontilhando de branco a cinza estrada,  
são as marcas que lembram o desconforto  
do passar por ali a Indesejada.

Retornando do mundo dos ausentes  
num corcel pelo fogo ajaezado,  
com fios de veneno das serpentes  
trabalha na caatinga seu bordado.

A senhora do ardil e da cilada,  
apesar de por todos esperada,  
quando vem deixa tudo em desatino.

Cavalgando por sobre o humano gado  
ela passa espalhando seu legado  
encurtando dos homens seu destino.

\***Racine Santos** é dramaturgo, poeta e escritor, autor de “A Farsa do Rei”, “Elvira do Ipiranga” e outros livros.

A L F A B E T O  
C O G I  
E L Ó C O

**Letra:** Diógenes da Cunha Lima

**Música:** Roberto Lima

**A**

Amor ao ar,  
Amor à luz do dia,  
Amor ao mar,  
Amor à alegria.  
**Amar tudo o que nos faz amar,  
Amar coisas naturais... (bis)**

**B**

Baleia vive em bandos,  
O maior dos animais,  
Bonitas que nem os anjos,  
O barco a deixa no cais...  
Bichos como a baleia,  
Não caçaremos mais...

**C**

O caju no cajueiro,  
Cajueiro em Pirangi,  
E o maior cajueiro do mundo,  
O maior se encontra ali!

## **D**

Desertos ficam  
Campos sem ervas...  
Pras dunas bonitas,  
Faltam reservas!

## **E**

A ema só pena,  
Fugiu do sertão...  
-Têm pena da ema?  
-Oh! Não, não, não, não!

## **F**

O fogo faz o deserto,  
Deixa os animais sem rumo,  
Fugir do fogo é incerto.  
Da velha mata, só resta fumo!

## **G**

Gavião é tão guerreiro  
Garda as garras como o gato,  
Se há galinha no terreiro,  
Gavião leva pro mato!

## **H**

Homem, viva em harmonia  
Com a natureza senhora:  
- Quanta tristeza no dia  
Que o natural for embora!



## I

O índio restou das guerras  
Ama o chão, guarda o seu jeito,  
Dos antigos desta terra  
Tem o Brasil por direito!

## J

O Jacaré na lagoa  
Vive no rio, na areia,  
Jacaré é coisa boa  
Apesar da cara feia!

## L

Lenhador, só corte o pau  
Do matagal renovado.  
Que a mata custa a crescer  
Mais que fazer um machado.

## M

Macaco, macaco  
Mora na floresta,  
Com muitos macacos  
A mata faz a festa.

## N

Vamos preservar  
Os ovos no ninho,  
O ninho é um lar  
Onde nasce o passarinho.

## O

A onça tinha  
Cara de mau  
Mas com as oncinhas,  
Mãe sem igual.

## P

Passarinho voa ao léu,  
Gaiola que não te prive,  
O teu limite é o céu,  
O teu destino é ser livre!

## Q

O quati vivia aqui  
Foi-se embora e fiquei só,  
Mas, pra esquecer do meu quati,  
Vou jogar meu dominó.

## R

O reino da vida é água,  
É viva a água do rio,  
Mas se sujarem a água  
O rio fica sombrio.  
O reino da vida é água,  
Eu quero limpo meu rio!

## S

Deixa o sol entrar  
Na tua morada  
Que o sol vai deixar  
Tua casa encantada,  
Tua vida encantada,  
Tua alma encantada.

## T

O tamanduá  
Vai comer formiga,  
E, ao agricultor,  
Ajudar na vida!

## U

Compadre urubu  
É gari sem falha  
Limpa a natureza  
Nada o atrapalha...

## V

O veado corredor  
Feito o vento vai correr  
Pra escapar do predador  
E também do caçador  
Dos seus chifres, tira o “V”.

## X

O xique-xique na seca  
Resiste ao tempo nefasto  
Vai ao fogo, queima o espinho,  
Fica mole, vira pasto.

## Z

Zabumba zoando  
Alegre o zambê,  
E o “Z” de Zabumba  
Termina o ABC...





# Conto




Desenho de João Hélder

# A calma do caos

*Clauder Arcanjo\**

*Desperto sob a calma do caos  
Equilibrando desordens quase na escuridão.  
Natercia Rocha, em Rumo Norte*

s pingos de chuva, fortes. Lembrança de um janeiro longínquo: Licânia. A voz da rua, no tutano do miolo dos ouvidos: “Pai da coalhada!...” Friozinho nas costas: goteira ou janela aberta?

A mente revolta, os pensamentos em alvoroço. Tudo de uma só vez, na noite longa. Sonho apenas ou de verdade? Incrédula, sempre descrente de tudo. Do hoje, do ontem, do amanhã. As chinelas, pastoradeiras, ao pé da cama alta, testemunhas eternas. Nem lembrança, agora, da rede funda e grossa, pendurada no quarto grande, casa dos tios. Ela se lembrava da sequência: a dela e a dos dois primos. Telhado alto, medo dos voos dos morcegos, os chupa-sangues.

Com pouco, um silêncio varando o resto de paz da madrugada. A quietude, faca afiada, a marcar-lhe a pele. Deixando-se-lhe chegar o que não se aproximava dela no rumor, na zoeira da lida. Quis gritar bem alto, não pôde. A voz findou-se ainda no fosso da garganta. Friozinho no juízo. Como o sossego se espichava, deu trela para as coisas guardadas, por ela, bem fundas no baú, fundo, dos anos.

...

*De repente, cochicho na orelha direita: era ela! Só poderia ser ela, sempre se lhe aconchegava ao peito, naqueles momentos; fazendo-se próxima, quando, na verdade, vestia-se, cada vez mais, com o disfarce da traição. “Vá pra lá! Hoje não, vá pra lá!... Cansei de lhe dar trela, ouviu?! Não me pega mais com essa sua conversinha*

*de menina pura. Cobra! Com jeitinho de santa. Vá pra lá! Respeite o meu irmão, sua vadia!” Friozinho no coração.*

...

Assanhada por tanta coisa, teve assomos de se levantar. O corpo, velho e cansado, não a atendia. O cérebro, então, como fora tomado por nuvens ainda mais escuras, castigado por um chacoalhar de sinos, pelas orações de um velório. “No céu, no céu, com minha mãe estarei...” Os castiçais na sala, as lágrimas dos parentes; o desespero do sogro, velho homem, sempre honrado e metido com suas coisas, em urros de dor. “Oh, meu Deus! Por que o meu caçula, meu Deus?...” O caixão escuro, no centro da saleta, e três cadeiras de palhinha. Vigília fúnebre. Sogra, sogra e... ela. Ela, a esposa. “Fingida?”

...

*Não tive, naquele dia, coragem de encará-la. Desconfiava que, se o fizesse, matariam a charada. Caminhava, e assim fui até o cemitério, cabisbaixo. Os olhos secos, nenhuma lágrima vinha-me aos olhos duros. Duros e arregalados, apesar de trêmulos. Quando o enterraram, cuidei de deixar o campo-santo e fugi. Corri, desembestado, por entre as carnaubeiras da beira do rio. Nem sentia os espinhos rasgarem-me a pele. Melhor, fazia tudo para que um caco de dor obrasse o milagre de me fazer sofrer, pranteando-o. Confesso que sangrei, mas não chorei. Pior, tive vergonha do risinho que se assanhava dentro de mim. Friozinho no espírito. Como se me aprouvesse sabê-la, de agora em diante, livre. Viúva, e livre.*

...

Ao entrar em casa, todos cuidaram de sarar-lhe as feridas. “Como ele está sofrendo com a morte do único irmão!” — a voz embargada da mãe. De xale escuro e de terço à mão. Nesta hora, gritou e... chorou. A velha senhora acalentou-o, levando-o para se deitar na rede de varanda mais funda. No fundo do quarto grande. Ficou ao lado dele, rezando. “Tudo vai passar, filho! São as coisas do Eterno!...”

A lâmina afiada rasgou-lhe o ventre. Os pingos de sangue, rubros. Desperto, não gritou, apenas pôs os olhos nos olhos do... pai.



— Vadio!

Friozinho de... calma. Enfim, a calma do caos.

...

Os pingos de chuva, fortes. Lembrança de um janeiro longínquo: Licânia. A voz da rua, no tutano do miolo dos ouvidos: “Pai da coalhada!...” Friozinho crespo nas costas: goteira ou janela aberta?

\***Clauder Arcanjo** é escritor e editor autor de “Licânia”, “Novenário de Espinhos” e outros livros. Membro da Academia Mossoroense de Letras.



# **Novos Acadêmicos**

## Discurso de saudação ao Acadêmico João Batista Machado por Ticiano Duarte

**J**oão Batista Machado, de uma geração depois da minha, ainda se deparou como eu, com o impacto das transformações nos meios de comunicação de massa, sobretudo, no jornalismo impresso, como dizia o saudoso Barbosa Lima Sobrinho, a humanidade acordando de um sono letárgico.

Ainda tenho na memória os tipos da tipografia antiga, de metal ainda no meu tempo, o pulo fantástico para o offset e deste à fotogravura. João Batista Machado ainda conheceu as antigas ferramentas e o jornalismo boêmio que se fazia sem pautas, sem planejamento, o repórter perdido nas ruas na busca ansiosa das notícias e do furo, um trabalho improvisado que exigia perspicácia e vigilância para não se deixar vencido pela esperteza e agilidade dos concorrentes.

Barbosa Lima Sobrinho tinha a impressão de uma viagem ao país das fantasias. Dizia ele que na época se exigiria de todos partícipes das transformações, muito de inteligência e até mesmo de imaginação para compreender e sobretudo aceitar, transportados de repente, para um mundo que se tomou a residência dos mágicos e feiticeiros.

O grande jornalista e presidente da Associação Brasileira de Imprensa, de saudosa memória, na década de 1970 já profetizava. Dizia ele: “BASTA dizer que, em pouco tempo, já não tem direito à faixa de atualidade o título do livro famoso de Macluhan, A GALÁXIA DE GUTENBERG publicado há

pouco mais de vinte anos. Porque, na verdade, não encontramos, nesses novos processos resquícios de Gutenberg, e a palavra tipografia vai caminhado para a categoria dos arcaísmos, quando está desaparecendo o tipo móvel e a própria grafia assinada a conclusão das operações. Não estaremos agora na GALÁXIA DOS COMPUTADORES? Ou até NAS ERA DOS SATÉLITES?” E concluiu:... “Na verdade, com os satélites, tudo acaba ficando tão perto, que se começa a aceitar, a tese de Macluhan de um UNIVERSO que se transforma em ALDEIA GLOBAL.

O mundo mudou. Machado começou a conviver com um novo mundo de muitas vozes, com um advento do computador, da internet e das redes sociais. Ele se insere nesse novo processo moderno de comunicação para ser o repórter, passando a ser um testemunho da história contemporânea do Rio Grande do Norte, assistindo os fatos e os escrevendo, em meio às paixões políticas desencadeadas em nossa terra, às vezes levado, como eu o fui, à fúria dos hinos, cores e bandeiras que empolgaram as batalhas eleitorais de outros tempos. Estivemos em lados opostos. Ele jamais perdeu a serenidade, o equilíbrio, a sensatez. O bom humor que é uma característica sua, de bem com a vida.

O menino que saiu do Açú, onde nasceu, para estudar em Mossoró, no Ginásio Diocesano, com a bolsa de estudos que o amigo de sua família, o então deputado Aluizio Alves, conseguira. Depois veio estudar no Atheneu, em Natal, onde cursou o secundário, e em seguida, bacharelando-se em jornalismo, pela Faculdade de Jornalismo Eloy de Souza, no ano de 1970. Na década de 60 já era da redação da Tribuna do Norte, levado pelo jornalista Walter Gomes, na época, editor do referido veículo fundado por Aluizio Alves. Posteriormente transferiu-se para o Diário de Natal, já na condição de repórter político. Paralelamente, foi correspondente no Estado, do jornal “O Globo”, Rio de Janeiro.

Afastou-se do jornalismo cotidiano para assumir a secretaria de imprensa, do governo do Estado gestão de Tarcísio

Maia. Colaborou, também, na condição de repórter político, em diversas revistas editadas, na época, entre elas, “Cadernos do Rio Grande do Norte” e “RN-Econômico”.

Em seguida, foi secretário de imprensa da Prefeitura de Natal, na gestão de José Agripino. Quando este chegou ao Governo do Estado, em 1983, convidou-o para o cargo de secretário de imprensa. Cumprida a missão, retornou ao Diário de Natal, exercendo por três anos a chefia de reportagem. Voltou à vida pública em 1991, como secretário de imprensa do Governo de José Agripino, que retornava pela segunda vez à chefia do executivo.

Exerceu idênticas funções nos governos Radir Pereira e Vivaldo Costa. Cumpridas as missões oficiais, ingressou no mercado publicitário, como redator da Agência Dumbo Publicidade. Na iniciativa privada, exerceu a assessoria de imprensa da Federação do Comércio e do Sistema SESC/SENAC. Desde 2000 é diretor da Assessoria de Comunicação Social do Tribunal de Contas do Estado.

Escritor, com a obra de memória política respeitada pela forma isenta com que testemunhou os fatos mais importantes da vida pública do Rio Grande do Norte, nestes últimos cinquenta anos. “Os livros, “De 35 ao AI-5”, Política no Atacado e a Varejo”, “Anotações de um Repórter Político”, “Como se Fazia Governador Durante o Regime Militar”, “1960: Explosão de Paixão e Ódio e Perfil da República no Rio Grande do Norte”, “Testemunho de Ausentes”, “Resgate da Memória Política”, “Dossiê Político” e “Política em Atos e Fatos” publicado em 2012. Uma verdadeira coletânea que o consagrou pela isenção, equilíbrio, dignidade do escritor, sobretudo do jornalista que mantém fidelidade ao jornalismo político sério e comprometido com os valores de decência e ética.

O ex-presidente José Sarney, no prefácio que escreveu em “Testemunho Político”, de autoria do nosso conterrâneo e confrade Murilo Melo Filho, afirmou que ele entregara sua vida ao serviço missionário de informar e opinar. Este julgamento

pode ser transferido a João Batista Machado. E ainda uma coisa que o define no exercício jornalístico, nunca ninguém cobrou um só deslize em sua vida profissional.

Nestes tempos em que a liberdade de imprensa vive ameaçada pelos donos do poder, que não admitem que a mídia independente veicule os escândalos e a corrupção dos seus auxiliares, ameaçando controlar a imprensa com a criação de conselhos e outros órgãos que possam cercear a livre manifestação do pensamento e a livre divulgação das notícias, o direito de informar e o direito à informação, como disse um jornalista norte-americano, cujo nome não me recordo, esta liberdade que não existe para benefício da imprensa, mas em proveito de todos.

Esta Casa, dos imortais, já recebeu e recepcionou, Luís da Câmara Cascudo, Eloy de Souza, Henrique Castriciano, Aduino Câmara, Américo de Oliveira Costa, Aluizio Alves, Bruno Pereira, Aderbal de França [Danilo], Jaime dos Guimarães Wanderley, Edgar Barbosa, Nilo Pereira, Rômulo Wanderley, Veríssimo de Melo, Antônio Pinto de Medeiros, Newton Navarro, Dorian Jorge Freire, Luís Carlos Guimarães, Sanderson Negreiros, Murilo Filho, Eider Furtado, Agnelo Alves, Nilson Patriota, Vicente Serejo, Lenine Pinto, Paulo Macêdo, para falar dos que passaram e ainda passam pelas redações dos jornais. Hoje tem a alegria e satisfação de recepcionar, o jornalista e escritor João Batista Machado. O repórter político ético e defensor das liberdades públicas.

Para homenageá-lo, nada mais autêntico e oportuno do que relembrar o texto universal de Miguel de Cervantes, no diálogo que criou do fidalgo Dom Quixote com Sancho Pança: “A liberdade, Sancho é um dos mais preciosos dons que os céus deram aos homens; a ela podem igualar-se os tesouros da terra nem do mar. Pela liberdade, assim como pela honra, se pode e se deve arriscar a vida”.

Seja bem vindo, à Casa do mestre Cascudo e de Henrique Castriciano, meu irmão e agora confrade, João Batista Machado.

# A Noite do Próximo

## Discurso de posse do Acadêmico João Batista Machado

**A**ltrapasso as arcadas deste templo de preservação da memória cultural, fazendo-o com humildade e profundamente agradecido aos senhores acadêmicos pela honraria que me foi concedida e à graça de poder desfrutá-la no outono da vida. Nesta noite singular, retribuo sensibilizado, com os versos oportunos de Carlos Drummond de Andrade adequados à ocasião: “Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo”.

Inicialmente, senhor presidente, saúdo o mestre Luis da Câmara Cascudo, timoneiro de todos nós, através do qual reverenciamos os fundadores desta instituição, entre eles, Henrique Castriciano, Aderbal de França, Ivo Filho, Otto Guerra e outros. Homenageio, também, o escritor Manoel Rodrigues de Melo, responsável pela edificação desta Casa em formato de livro, símbolo do compromisso com a cultura.

Não fui íntimo do mestre Cascudo como Diógenes da Cunha Lima, biógrafo preferido desse gênio da raça. Mas o conheci na condição de repórter dos jornais Tribuna do Norte, Diário de Natal e O GLOBO, do Rio de Janeiro, do qual fui correspondente na década de 1970. Posteriormente, desliguei-me, para cumprir missão oficial a convite do governo do Estado.

Paciente e atencioso, o mestre recebia os jornalistas no casarão da Avenida Junqueira Aires, que hoje tem seu nome, sem fazer distinção alguma, entre o principiante e o veterano. Vestia-



se sem vaidade, com roupas simples, deixando o entrevistador à vontade. Ao final, a declaração incisiva: “Meu filho, agora vá baixar noutra terreiro”, dizia com um sorriso aberto e o inseparável charuto entre os dedos, após longas baforadas.

Mestre Cascudo alcançou a universalidade com mais de cem livros e títulos publicados, sem desligar-se umbilicalmente da província que o consagrou, após ser reconhecido internacionalmente. Sofreu preconceitos por estudar a cultura popular, mas nunca respondeu a seus críticos. Estava acima deles. Andava de táxi, frequentava bares, era reconhecido por todos nas ruas, como se fosse um deles. Não circulava nas colunas sociais e conhecia profundamente a condição humana. “Natal não consagra nem desconsagra ninguém.”

Senhor presidente, meus senhores e minhas senhoras:

Natural de Assu, que tem tradição acadêmica nesta casa, coube-me nesta noite saudar três figuras notáveis da história mossoroense, que deixaram um legado de sabedoria: Francisco Fausto de Souza, patrono da cadeira de nº 32, ocupada anteriormente por Tércio Rosado Maia e João Batista Cascudo Rodrigues, a quem tenho a honra de sucedê-lo. São tempos no conceito de Thomas Paine, “perscrutam e revelam a alma dos homens”. Sinto-me à vontade nesta tarefa por me considerar um mossoroense por opção afetiva.

Lá, durante três anos, fui aluno interno do Colégio Diocesano Santa Luzia, onde aprendi lições de liberdade e resistência, com seu generoso povo. Forjei meu caráter nos ensinamentos de padres e professores, aos quais homenageio na figura extraordinária de Sátiro Cavalcanti Dantas, educador de várias gerações e símbolo maior da educação no Estado.

**Francisco Fausto de Souza**, segundo mestre Cascudo, “o pesquisador do passado da terra e da gente mossoroense, caçador de arquivos, infatigável copiador de papéis velhos que se comunicaram aos presentes graças a sua intervenção humilde e contínua”. O professor Vingt-un Rosado afirmava convicto que Francisco Fausto fora o primeiro historiador da cidade.

Geraldo Maia, na contracapa do livro “História de Mossoró”, enaltece a obra de Fausto e diz: “Nos deixou valiosos estudos sobre a genealogia de famílias da região, além de ter sido o mais profundo conhecedor da história de Mossoró. Não escreveu livros; não houve tempo para tanto. Publicou apenas um folheto bibliográfico sobre o padre Antônio Joaquim, primeiro vigário colado de Mossoró. Coube a Vingt-un, o grande homem das letras, reunir todo seu legado em um livro a que deu o título de **História de Mossoró**, que já se encontra na quarta edição”

O historiador Geraldo Maia fez a cronologia de Francisco Fausto: “Nasceu em Mossoró a 19 de maio de 1861, mas foi em Areia Branca que despontou como político. Intendente de (1911 a 1928), por seis mandatos consecutivos. Como exemplo de operosidade administrativa, podemos citar a construção da quase totalidade dos prédios públicos e outras obras de melhoramento urbano na terra das salinas. Foi ainda deputado estadual por seis legislaturas, além de maçom e abolicionista atuante na campanha libertária de 1883, em Mossoró, de quem nunca se desligou pelos laços afetivos que os unia”.

No livro “Cronologias Mossoroenses”, o jornalista Lauro da Escóssia o cita como destacado genealogista, pesquisador e memorialista. Francisco Fausto participou ainda da chamada “Questão de Grossos”, conflito de limites entre Rio Grande do Norte e Ceará, como integrante da equipe que fez o levantamento de toda documentação necessária à defesa confiada ao jurista Rui Barbosa. Segundo o historiador Raimundo Nonato da Silva, o trabalho de Francisco Fausto foi indispensável àquela disputa judicial. Morreu aos 70 anos, em Areia Branca, no dia 14 de janeiro de 1931, vitimado por enfarte.

**Tércio Rosado Maia** foi pioneiro do cooperativismo no Rio Grande do Norte. Um cidadão plural. Professor, Jornalista, escritor, humanista, poliglota, cultivador de livros. Nasceu em Mossoró no dia 19 de agosto de 1892, filho do casal Jerônimo Rosado e Maria Amélia Rosado Maia. Em 1910, formou-se em Farmácia pela Escola de Medicina da Bahia. No Recife, graduou-

se em Odontologia (1929), em Direito (1940) e cursou ainda medicina até o quarto ano.

Na capital pernambucana, dedicou-se ao magistério, lecionando na Faculdade de Comércio, Escola Politécnica, Escola Normal Pinto Júnior, Ateneu Pernambucano, Faculdade de Farmácia Universidade do Recife, Ginásio Pernambucano e nos Colégios Santa Margarida e Vera Cruz. Escreveu nove livros, entre os quais, vários sobre assuntos regionais. O médico Raimundo Nunes escreveu um livro biográfico sobre ele: Tércio Rosado, professor e semeador de idéias.

Retornando a Mossoró, foi professor na Escola Normal e no então Ginásio Diocesano Santa Luzia. Faleceu no dia 08 de setembro de 1960 aos 68 anos de idade. O cônego Francisco Sales Cavalcanti registrou sobre sua morte: “Desaparecido da vivência dos que souberam admirá-lo, continuou vivo através dos trabalhos admiráveis, porque passou pela terra fazendo o bem”.

Senhor presidente, meus senhores e minhas senhoras:

Assumo, nesta hora, a cadeira de nº 32, que era ocupada pelo professor **João Batista Cascudo Rodrigues**. Por coincidência, temos o nome do precursor do Messias, João Batista, que batizou Jesus às margens rio Jordão, reconhecendo de imediato o salvador. Sobre ele, disse o legendário André Malraux, herói da resistência francesa: “Veio ao mundo para redimir a humanidade”.

Jamais imaginaria que o aluno viria um dia ocupar a cadeira do mestre na imortalidade desta Academia Norte-Rio-Grandense de Letras. Trata-se de um homem substantivo que desempenhou suas múltiplas atividades na defesa intransigente de Mossoró, sua pátria emocional, como enfatizava Djalma Marinho quando se referia à terra onde nasceu, São José Campestre, na época distrito de Nova Cruz.

Cascudo Rodrigues nasceu em Mossoró no dia 23 de junho de 1934, filho de Adolfo Rodrigues Lima e Ozelita Cascudo Rodrigues. Fez o primário no Grupo Escolar Estevão

Dantas, o ginásial no Colégio Diocesano Santa Luzia e o clássico no Atheneu Norte-Rio-Grandense em Natal. Bacharelou-se em Direito pela Universidade de Alagoas em 1956. Em seguida, foi nomeado promotor em Mossoró, quando passou a lecionar nos Colégios Santa Luzia e Jerônimo Rosado.

No livro “Casa das Lâmpadas” sobre hábitos e costumes de uma Mossoró ainda provinciana, o professor e escritor David Leite, que ocupou sua cadeira na Academia Mossoroense de Letras (AMOL) afirma: “João Batista Cascudo Rodrigues produziu e publicou em profusão, livros, plaquetes, discursos e conferências sobre os mais variados temas. Mas vale destacar um deles de sua autoria, que já foi reeditado várias vezes e que se constitui, sem dúvida alguma, referência básica no tema: A mulher Brasileira - Direitos Políticos e Cíveis. O prefácio da primeira edição é da lavra de José Augusto Bezerra de Medeiros”.

Sobre o livro publicado em primeira edição em 1962, concluiu o ex-governador José Augusto: “As palavras, a título de prefácio, que o jovem mossoroense me solicitou que escrevesse, para a publicação deste excelente livro, eu as encerro augurando para João Batista Cascudo um porvir pleno de triunfos como tudo indica que acontecerá, em face dos primores da sua inteligência”.

Convém salientar que esta obra publicada nos anos 60 foi um das pioneiras sobre o gênero, numa época em que ninguém ousava tratar desse assunto por comodismo ou preconceito. O professor Cascudo Rodrigues discorreu com profundo conhecimento, fazendo jus à tradição de Mossoró sempre pioneira no desbravamento de conquistas, como a libertação dos escravos em 1883 e a primeira eleitora do Estado, professora Celina Viana.

João Batista Cascudo Rodrigues foi o precursor e fundador da Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte, em Mossoró, com apoio indispensável do prefeito Raimundo Soares, posteriormente transformada em Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Sua importância na implantação foi semelhante à do professor Onofre Lopes na criação da Universidade Federal

do Rio Grande do Norte (UFRN) no governo Dinarte Mariz. A luta obstinada dos dois alavancou o futuro do Estado nos setores educacional, cultural e científico.

Ao homem que criou uma Universidade vislumbrando o sucesso das novas gerações, todo o reconhecimento por parte dos concidadãos ainda é pouco. Apenas os dotados de valores excepcionais são capazes de tal proeza. O professor Cascudo Rodrigues é desses privilegiados. Deus lhe concedeu a graça de ser útil ao próximo, sem almejar recompensa de espécie alguma.

Sem sua presença constante enfrentando moinhos de ventos, num gesto quixotesco, dificilmente existiria a UERN. Colocava os processos debaixo do braço e saía na busca de recursos no Ministério da Educação, em Brasília, percorrendo sinuosos gabinetes. Logo em seguida, outra luta exaustiva: o reconhecimento da Universidade que conseguiu com obstinada perseverança. Foi o primeiro reitor com inteira justiça.

Conheci o professor no Colégio Santa Luzia em Mossoró no final da década de 50. Elegante, formal, sóbrio. Não permitia intimidades, embora solícito às indagações dos alunos. Nunca o vi vestido de roupa esporte. Usava terno completo, preferencialmente de cor escura, em qualquer circunstância.

Um dileto amigo dele me fez umas revelações sobre ele. Bebia pouco. Preferencialmente, cerveja, em ocasiões especiais. No seletto grupo de amigos – José Holanda, Antônio Rodrigues de Paula, Alcides Menezes, Maia Pinto e Élder Heronildes que fez seu necrológio nesta Casa. Conviveu ainda com “anjos rebeldes” da cultura mossoroense, Dorian Jorge Freire e Jaime Hipólito Dantas, avessos ao formalismo provinciano.

Na casa de amigos, ousava cantar algumas canções, embora desafinado, apesar dos recursos vocais. Professor Cascudo Rodrigues não tinha apenas veneração especial por sua mãe, dona Ozelita, a quem coube a tarefa de criar e educar os filhos após a morte do marido Adolfo. “João Batista era devoto de Ozelita,” confidenciou-me Maia Pinto.

Encontramo-nos diversas vezes pelos caminhos e descaminhos da vida. Trocávamos cumprimentos afetuosos. Recebia dele palavras de incentivo e agradecia-lhe afirmando que foram os ensinamentos na sala de aula, para sua satisfação. Dividia o amor que tinha por Mossoró apenas com a família. Combateu sempre o bom combate, na visão do apóstolo Paulo.

Soube viver com dignidade ao lado da esposa Neusa Caminha Cascudo Rodrigues e dos filhos Gustavo Adolfo, Cibele e João Paulo. Deixou a eles um legado de probidade e ética na vida pública. Ainda não recebeu o reconhecimento merecido dos conterrâneos pelos serviços prestados à comunidade mossoroense. Seu nome é sinônimo de educação e cultura, instrumentos indispensáveis ao desenvolvimento de uma nação.

O professor João Batista Cascudo Rodrigues viveu sempre em busca desses objetivos, à frente do seu tempo, como acontece com os predestinados. Morreu em Brasília no dia 04 de outubro de 2009, em paz com Deus e o próximo, consciente da honrosa missão que o destino lhe reservou.

Muito obrigado.

## Discurso proferido pelo acadêmico Padre João Medeiros Filho, saudando o novo imortal Jornalista Agnelo Alves

**F**omos distinguidos com a honrosa e delicada missão de saudar e acolher, em nome dessa Academia, o jornalista Agnelo Alves. Somos um temporão na sua amizade e no seu convívio. Por isso, desde já, suplicamos a indulgência de todos para a simplicidade e a provável imprecisão de nossas palavras.

Nestes últimos seis anos, tivemos a alegria de conhecer mais de perto um Agnelo, sem mágoas e ressentimentos, de mãos dadas com a paz, sereno e confiante, amando viver, dedicando-se ao trabalho, renunciando ao *otium cum dignitate*, agradecendo a Deus o dom da existência e fazendo brotar os doces frutos da vida.

Inicialmente, não podemos omitir suas origens, que, muitas vezes, nos permitem compreender melhor o ser humano. Descende nosso acadêmico da tradicional família Alves, movida, sobretudo, pela paixão política e predestinada a marcar, com seus representantes, o cenário da história do Rio Grande do Norte.

Nascido em Ceará-Mirim, no dia de Nossa Senhora do Carmo de 1932, tornou-se, desde cedo, um angicano de convivência e de coração, onde se inspirou no exemplo de São José, deixando aflorar em si a santa rebeldia para lutar e vencer os obstáculos do existir, mostrando-nos que a fé nos fortalece e ajuda a superar as enfermidades do corpo e da alma. Dos canaviais do Ceará-Mirim trouxe a doçura ; da aridez de Angicos, herdou a fibra, de quem sabe enfrentar e resistir aos infortúnios da vida.

Neste momento, não nos cabe discorrer sobre o político e administrador. Sua maior obra está escrita a céu aberto, em solo potiguar, gravada na sua querida Parnamirim, que se transformou, graças ao seu empenho e dedicação, em umas das mais prósperas cidades do Estado.

Desejamos louvar o escritor, que em seus artigos, crônicas e comentários na mídia, como um artesão das letras, domina a palavra, ironiza por vezes o poder e mostra-nos a necessidade da coerência e a importância da autenticidade. Jornalista autodidata, cujo estilo de tom coloquial, o torna mais próximo do leitor. Não raro, seus escritos, com objetivos definidos, em função do bem do povo, estão sequiosos de mudança e conversão social.

Nosso homenageado revelou-se, ao longo dos anos, um jornalista audaz e bem informado. Ele mesmo confessa: Não consigo fazer adormecer em mim o repórter que sou por vocação e destino. Não tenho escolha.

Convém lembrar que ele sempre acreditou numa tribuna sem fúrias e numa imprensa sem restrições. Por isso, repudia as ditaduras de todo gênero, militares ou civis, coroadas ou populares. Ao longo de sua existência, soube conjugar o exercício da vida pública com a vocação de jornalista. Assemelha-se neste aspecto a Ruy Barbosa, quando, ao ser empossado no Instituto dos Advogados, exclamou: Duas vocações tenho amado sobre todas: a imprensa e a política. E acrescentou, justificando as razões desse compromisso: Numa e noutra me votei sempre à liberdade e à verdade.

Ao passar pela vida de Agnelo Alves, vem-nos à memória Barbosa Lima Sobrinho, ao discursar na Associação Brasileira de Imprensa, nos tempos obscuros da repressão militar:

*Jornalista é que eu nasci, jornalista é que sou, de jornalista é que não me hão de demitir, enquanto houver imprensa e esta for livre e este resto de liberdade nos indicar que a pátria respira. Hei de escrever.*

O novo acadêmico sempre reverenciou as letras e a ciência. Permitam-nos este relato. No final da década de setenta,



morávamos no Rio de Janeiro, onde representávamos a Fundação José Augusto, presidida por nosso prezado confrade Cláudio Emerenciano. De passagem por Natal, pediu-nos o presidente que fossemos até a sede da Tribuna do Norte para efetuar a transmissão, via fac-símile, de um documento à Secretária de Cultura do MEC. Agnelo conduziu-nos de volta à Fundação e ao passar pela antiga Rua Junqueira Aires, disse-nos: Padre, como é mesmo aquela frase da Bíblia, que fala da sabedoria ? Citamos o Livro dos Provérbios: Sapientia aedificavit sibi Domum (Pr 9,1). ( A Sabedoria edificou para si uma casa). Procuramos saber o porquê de tal indagação. Respondeu-nos, indicando a residência de Câmara Cascudo: Eis o templo de nossa referência e da nossa reverência. Hoje, Agnelo, você tem assento na casa fundada pelo grande imortal potiguar, sempre presente e iluminando. E aqui, é bom lembrar a afirmativa de Jacques Bossuet : Os gênios dão apenas por horas a impressão da morte. Por isso, Cascudo estará sempre vivo nesta casa, em nossas almas e na história de nossa Pátria.

Como jornalista político, Agnelo sempre defendeu o dever de informar sem omissões, empenhando-se em fixar critérios para tornar a imprensa o escudo em que a sociedade se resguarde da mentira oficial e permita preparar melhor o Estado, colocando-o em condições de servir à comunidade e não aos governantes. Subscrive, deste modo, as palavras de Dom Helder Câmara, quando pregava: Nunca se deve encobrir ao público circunstância alguma da verdade, quaisquer que sejam os inconvenientes de sua divulgação. Eis a moral dos povos livres.

O escritor e jornalista Agnelo Alves é hoje investido com o galardão da imortalidade e o reconhecimento pela sua obra literária. Ao recebê-lo, nesta Casa, acolhemos também o jornalismo do seu tempo e a imprensa norte-rio-grandense.

Cabe recordar ainda a sua participação nos jornais do Rio de Janeiro. Inegável é a sua paixão pelo sagrado direito de informar, pois também defendia o que escrevera seu colega Villas Boas Corrêa : Uma imprensa séria são os olhos e a voz do povo.

Ali, conviveu com toda a geração de jornalistas e políticos, dentre eles, Carlos Castelo Branco, Murilo Melo Filho e o polêmico Carlos Lacerda, participando da resistência, nas trincheiras dos jornais. Lutar sempre, sem calar jamais. Era o lema do momento.

Senhoras e senhores acadêmicos, autoridades e convidados,

O fenômeno comunicacional é capaz de dar vida ou morte a políticos, administradores, empresários chefes de estado e até líderes religiosos. Disto tem consciência o jornalista Agnelo, ao escrever, vez em quando, de forma irônica e marota, num estilo próprio e direto, os seus artigos. A ironia é também um apanágio dos inteligentes e perspicazes!

Dizíamos a nossos alunos da antiga Faculdade de Jornalismo Eloy de Sousa : O jornalismo deve ser considerado como uma missão, até certo ponto sagrada, realizada com o entendimento de que à imprensa também é confiado o bem geral do povo.

Em Crônicas de outros tempos e circunstâncias, Parnamirim e Eu, Cartas ao humano, entre seus escritos, o novo acadêmico revela a sua personalidade de escritor, político, mas, sobretudo, de ser humano, marcado pela doença, pelas lutas e pelo sofrimento, ao longo dos anos.

Uma frase norteia seu modo de ser e viver : Não quero ter um coração movido a ódio, mágoa ou rancor. Convencido que sou de que um homem ressentido é uma criatura infeliz. Na verdade, ousaríamos acrescentar, o ódio resseca e a raiva empobrece o coração do homem.

Mesmo no limiar de seus oitenta anos, Agnelo confessasse sabiamente um aprendiz da vida e declara seu amor pelo viver humano. Cabe-lhe, como uma luva, a bela e filosófica letra da canção de Gonzaguinha: O que é, o que é, pois sentimentos espelham bem os versos do poeta carioca :

...E a vida? Ela é maravilha. Ou é sofrimento? Ela é alegria. Ou lamento? Há quem fale que há um divino mistério

profundo. É o sopro do criador numa atitude repleta de amor... Viver! E não ter a vergonha de ser feliz, cantar e cantar a beleza de ser um eterno aprendiz...

Seu amor pela vida lhe tem dado forças para vencer todas as vicissitudes, desde a deplorável repressão político-militar – que o levou ao confinamento e ostracismo, mas não lhe tolheu a liberdade de espírito – até as limitações de saúde. È antológico o seu pronunciamento de 15 de fevereiro de 2006:

Houve um momento, ainda convalescente, quando proibido de subir escadas, e, que não titubeei um instante, mesmo contra a proibição médica e desatendendo às zelosas advertências de amigos e auxiliares, fui onde achei do meu dever ir. Subi escadas e a todos declarei que me sentiria o pior dos homens, sem merecimento para o restabelecimento de minha saúde, se a saúde dos parnamirinsenses, entregue aos meus cuidados, não tivesse ato de intervenção que se fazia necessário.

Contaremos um episódio, com matizes dos causos narrados por nosso dileto confrade Valério Mesquita. Em 2007, Dom Matias Patrício de Macêdo, então arcebispo de Natal, pediu-nos para receber o abade do Mosteiro de Cluny, na França, em visita ao Rio Grande do Norte. Comparecemos ao aeroporto, devidamente trajado com as vestes clericais, para receber o dignitário eclesiástico. Ali, enquanto aguardávamos o monge, duas senhoras confundiram-nos com Agnelo. Entreolharam-se e comentaram : O prefeito agora virou padre ? Como pode ser? E Dona Celina... ? Achamos por bem não deixar filhas de Deus na dúvida. Respondemos : Dona Celina continua vivendo a liturgia doméstica e o prefeito cumpre o ritual da vida pública. Somos apenas um cura de aldeia. Replicaram : Mas, o senhor é muito parecido com ele. Tendo ou não, Agnelo, alguma semelhança física com você, somos agora irmãos, membros de uma mesma confraria com o encargo de escrever melhor, como afirmara Orígenes Lessa, no dia em que fora eleito para a Academia Brasileira de Letras.

Caríssimo acadêmico, quando você estava na prisão, Dom Nivaldo Monte – O semeador da Alegria, no dizer poético de Diógenes da Cunha Lima e quem humildemente sucedemos nesta augusta Casa – foi visitá-lo e dirigindo-se ao ex-prefeito de Natal, preso político, levando também o conforto de dona Liquinha, sua querida mãe, disse-lhe : Agnelo, tudo isso passa. É uma chuva, uma nuvem.

Hoje, amigo e confrade, queremos, outrossim, lhe afirmar: Agnelo, nesta Academia, você entra para a posteridade, ad perpetuum rei memoriam ! Voce permanecerá. É o inicio de sua glória, o principio de sua imortalidade!

Em nome de todos, seja bem-vindo. E como padre, queremos dizer-lhe: Deus o abençoe ! Muito obrigado!

Natal, 10 de agosto de 2012

PADRE JOÃO MEDEIROS FILHO

## Discurso de posse do acadêmico Agnelo Alves

**B**oa noite. A palavra que melhor define o meu discurso nesta noite é de agradecimento. É o meu dever de ofício, dever de acadêmico, dever de cidadão. Portanto, agradeço a todos os acadêmicos que possibilitam este sonho que, contraditoriamente, nunca sonhei, mas estou vivendo agora. Desta forma, sinto a forte lembrança do início de tudo, a origem em Angicos, a base sólida da família de onde tirei forças para continuar nos momentos de dificuldades e com quem compartilhei as vitórias. É essa rede de sentimentos e ações que faz com que nosso favor. Nunca imaginei que esse longo caminho me levasse a ocupar esta cadeira número 4 na Academia Norte-riograndense de Letras. Oriundo de uma formação autodidata, nesse sentido, nunca encontrei estradas largas e pavimentadas, mas aprendi a abrir caminhos e construir meu mundo com persistência tenaz.

Em uma de suas epístolas, São Paulo define a condição humana dizendo: “A glória do mundo é transitória”. E, mesmo sabendo disso, o homem sempre parte em busca do reconhecimento pelo seu trabalho. Por quê? O que nos faz enfrentar desafios, mesmo sabendo que a glória do mundo é transitória? Creio que esse impulso se chama: a busca do sentido da vida. Talvez o teste final de toda busca seja a dimensão de nosso Amor. Pouco importa o que fizemos, em que acreditamos, o que conseguimos, mas sim nossa maneira de amar o próximo. Devemos, também, ser julgados pelo bem que deixamos de fazer. Lendo a vida e obra daqueles que, antes de mim, ocuparam a Cadeira 4, todos buscaram um sentido para suas vidas, mas, enquanto o procuravam, possivelmente souberam transformar

seus passos em manifestações de amor ao próximo – ou assim deveriam ter feito. E aí o amor é entendido como algo mais amplo do que o simples ato de gostar.

Martin Luther King lembrava que os gregos possuem três palavras para designar esse sentimento: a primeira é Eros, o amor saudável e necessário entre dois seres humanos, que se buscam, se encontram, ou se desencontram. A segunda palavra é Philos, a paixão que nos empurra ao encontro da sabedoria, dos amigos, da filosofia, dos legados que nos deixaram as gerações anteriores. Finalmente existe a palavra Ágape, o amor maior, aquele que está além do ato de gostar, porque não podemos gostar de quem nos agride, nos ofende, é injusto em seus comentários, leviano em suas acusações, preconceituoso em seu julgamento. Não podemos gostar, mas podemos amar e, através do amor, entender que por detrás de cada atitude mesquinha e destruidora está um imenso desejo de ser compreendido, aceito, apreciado. Então, a essência de Ágape está não apenas nos que aqui me precederam nesta Cadeira 4, mas em todos, em todas as cadeiras desta Casa, deste auditório, em todas as cadeiras do mundo. Basta apenas reunir coragem suficiente para lutar por seus sonhos.

Eu sempre sonhei, sempre fui um sonhador, nunca imaginei a vida sem sonhos, até como forma de vencer as vicissitudes com as quais a vida sempre me desafiou para sobreviver, vencendo-as uma a uma. Mas, confesso, nunca sonhei em ser ou ocupar as honrarias que acumulei, quando o mais fácil, o trivial, o natural mesmo seria cumprir o currículo escolar. Naquela época, em Angicos, as primeiras letras com a professora Maria de Lourdes Machado soletrando as primeiras palavras e com o professor Heliodoro, em Angicos, lá no sertão do Cabugi, me alertando para o homem que nascia em mim, até à descoberta do sexo. Ai, a primeira manifestação do sentimento na força da imaginação. Um desejo? Por que não? Uma curiosidade incontrolável? Eu, um pecador? Nenhum sentimento de culpa. Mas a manifestação de que era preciso sonhar. E eu sonhei. Ser prefeito de Natal? Nunca sonhei. E fui. Ser cassado pela ditadura? Nunca, sequer, ouvira falar em cassação de direitos sagrados – porque naturais –

de cidadania. De repente eu deixava de ser um cidadão para ser o quê? Não sei. O que considerasse que poderia ser precisava de um documento comprobatório. E os que eu tinha, não tinham mais valor. Foram cassados. Como sonhar em ser o quê? Não sonhei. Senador da República? Nem como apelido, sonhei. Para mim, não. E convivi, profissionalmente com muitos sem jamais sonhar em ser. Mas fui Senador da República.

Percorri o Brasil na sua extensão territorial pela volta da democracia, no exercício de uma imaginável assessoria de líderes políticos nacionais que pregavam o fim da ditadura. Quando Senador da República, lembro que os colegas senadores manifestavam espanto. O quê? Renunciar ao Senado para ser prefeito de Parnamirim? Que cidade é essa? Parecia realmente um sonho... E eu sonhei os parnamirinos, na alma de cada um, como que solfejando: “Uma cidade o que é, o que foi, o que será?” ...

Na verdade, sonhei a minha vida como jornalista que sempre fui e serei, muitas vezes batendo o escanteio, correndo para cabecear e fazer o gol. Fui até tipógrafo, escrevi e vendo o jornal, cujos exemplares não eram mil, mas apenas cem, com a notícia assegura da na edição seguinte de que a edição do dia anterior fora rapidamente esgotada... Escrevi milhares de crônicas, sobretudo, fui crítico de cinema, crítico literário, político, esportivo, até escrevi horóscopo... Ah, sou um sonhador, sim. Desde os meus primeiros tempos, em Angicos, passei a conviver bem com o sonho. E confesso, passei a adotar o sonho como resposta a cada vicissitude que me atacava a saúde. E não foram poucas. A cada uma que me prostrava na cama, desafiando a ciência, e até atrevidamente, às orações, o sonho era a minha resposta.

“No dia em que eu me levantar, vou batalhar para transformar o que estou sonhando em uma realidade”. O sonho fazendo-se realidade. Houve um momento, ainda na minha primeira idade, que, deitado no chão junto com outros amigos para olhar a lua cheia, comeci a descrever o que já não me lembro. Neste instante, Chico Trindade, amigo e compadre do meu pai,

parou para me ouvir e então concluiu, dizendo: “Esse filho de compadre Nesinho é cheio de imaginação”... Creio que estava imaginando o homem chegar à lua... Imaginação ou sonho? O homem chegar à lua? O homem chegou lá.

Desde sempre fui um sonhador. A minha vida é firmada em nome dos sonhos. Quando eles explodem dentro de nós com todo o seu vigor – na juventude – temos muita coragem, mas ainda não aprendemos a lutar. Depois de muito esforço, terminamos aprendendo, e então já não temos a mesma coragem. Por isso, nos voltamos contra nós, e nos transformamos em nosso pior inimigo. Dizemos que nossos sonhos eram infantis, difíceis de realizar, ou frutos de nosso desconhecimento das realidades da vida. O primeiro sintoma de que estamos matando nossos sonhos é a falta de tempo. As pessoas mais ocupadas que conheci na minha vida sempre têm tempo para tudo e para todos. As que nada fazem estão sempre cansadas, não dão conta do pouco trabalho que precisam realizar, e se queixam constantemente que o dia é curto demais. Na verdade, elas têm medo de saber onde vai dar a misteriosa estrada que passa pela sua aldeia. Como dizia o inesquecível Dom Eugênio Sales, “infelizes aqueles que querem vencer sem lutar”.

Outro sintoma da morte de nossos sonhos são nossas certezas. Porque não queremos aceitar a vida como uma grande aventura a ser vivida, passamos a nos julgar sábios, justos corretos. Achamos, então, que estamos maduros, deixamos de lado as fantasias da infância, certos de que conseguimos nossa realização pessoal e profissional. Ficamos surpresos quando alguém de nossa idade diz querer ainda isso ou aquilo da vida. Mas, na verdade, no íntimo de nosso coração, sabemos que o que aconteceu foi nossa renúncia à luta por nossos sonhos. Mas os sonhos mortos começam a fenecer dentro de nós, e a infestar o ambiente em que vivemos. Começamos a nos tornar cruéis com aqueles que nos cercam e finalmente passamos a dirigir essa crueldade contra nós mesmos. Surgem as doenças e as psicoses. O que queríamos evitar – a decepção e a derrota – passa a ser o único legado de nossa covardia. E, os sonhos mortos tornam o ar difícil de respirar



e inconscientemente passamos a desejar a morte, a morte que nos livre de nossas certezas, de nossas ocupações ou de faltas delas.

Ouso dizer que São Paulo tinha toda razão. A glória do mundo é transitória, contudo, não é ela que nos dá a dimensão de nossa vida, mas a escolha que fazemos, de seguir nossa lenda pessoal, acreditar em nossas utopias e lutar por nossos sonhos. Somos todos protagonistas de nossas vidas, e muitas vezes são os heróis anônimos que deixam as marcas mais duradouras. Portanto, gostaria de aproveitar esta oportunidade para homenagear alguns heróis anônimos: o meu pai, Seu Nesinho, que se hoje estivesse vivo estaria completando 118 anos. Apesar de ser um sertanejo rude, que apenas escrevia o próprio nome, sabia reconhecer os valores intelectuais. Certa vez, eu ainda criança, em Angicos, recebemos a visita de Henrique Castriciano. Depois, perguntei: “Pai, quem é ele?”. Meu pai respondeu: “É um homem do saber”. Meu pai passou pela vida com dignidade e dedicação. Hoje, 10 de agosto, é o dia do aniversário do meu querido pai. Parabéns pai.

Gostaria de homenagear minha mãe, Dona Liquinha. Ela não poderia ser esquecida neste momento. Era uma mulher de uma personalidade, de uma fortaleza à toda prova. Quando saí da prisão, onde estive por motivos políticos, vi uma lágrima correr na sua face. Foi um grande momento em minha vida, talvez o maior de todos. Minha mãe não era sentimental. Foi a primeira e a última vez que a vi chorar. Minha homenagem também para minha mãe preta, Romana Santiago, que me acompanhou pelos sanatórios, por onde andei buscando saúde, como se eu tivesse brotado de seu amor, e ela me incorporou como se eu fosse seu filho e eu retribuí como se ela fosse minha mãe. Gostaria de homenagear minha companheira, Celina, que convive comigo há 54 anos. Devo a ela o reconhecimento de minha sobrevivência, pelo carinho e pelo amor recíproco. Lembro também nesta noite, com o coração cheio de gratidão, de meus irmão e irmãs – Aluizio que amanhã completaria 91 anos e também foi membro desta casa – de meus filhos, de meus netos e netas, além dos meus amigos.

É praxe que cada acadêmico ao tomar posse, recorde seus antecessores, portanto, a cadeira 4, tem como patrono o poeta Lourival Açucena, e foi anteriormente ocupada por Virgílio Galvão Bezerra de Trindade e Enélio Lima Petrovich. Joaquim Eduvirges de Mello Açucena, o Lourival Açucena, poeta, cantor e compositor, nasceu em Natal, no ano de 1827, partindo deste mundo em 1907. Foi um dos primeiros poetas potiguares, tendo os seus poemas alguma ligação com o Romantismo, embora o Arcadismo lhe tenha dado uma nesga de contribuição. Os serões boêmios de Natal sempre tiveram a participação de Açucena, que levou uma vida bastante agitada. Lourival escreveu para todos os jornais de Natal da época, embora, em vida, não tenha publicado livro. Após sua morte os amigos não mediram esforços e reuniram seus poemas em um livro chamado “Polianteia”. Virgílio Galvão Bezerra da Trindade, nascido em Natal em 1887 e falecido em 1969, era poeta, jornalista, cronista, humorista e teatrólogo. Enélio Petrovich também nasceu em Natal, em 1934, e partiu este ano. Advogado e historiador, é autor de mais de 20 livros, alternando Direito Previdenciário e História. Foi presidente durante muitas décadas do Instituto Histórico e Geográfico do RN, a mais antiga instituição cultural do Estado. Entre os títulos que publicou estão “Quem Fundou Natal?”, “Evocando Henrique Castriciano”, “A Questão Religiosa no RN”, entre outros. É uma honra ocupar a mesma cadeira destes notáveis da cultura potiguar. Por fim, recorro com louvor, o fundador desta casa, Luís da Câmara Cascudo, um dos mais brilhantes intelectuais do nosso país, e Diógenes da Cunha Lima, que graças a manifestação de confiança dos companheiros acadêmicos tem sido estimulado para presidir esta casa com garra, competência e dedicação.

Eu cheguei à oitava década quando tinha todas as razões, de doenças, principalmente, para nem sequer passar da primeira. Hoje, levo a vida com o mesmo amor de outros tempos, o mesmo prazer de viver, e antevejo nas cores do arco-íris, todas as vezes que eu o vejo cruzando os céus de minha vida, muitos e muitos anos pela frente. E eis-me aqui, diante da intelectualidade do Rio Grande do Norte, que generosamente me elegeu e me recebe

como um dos seus. Como agradecer? Não sei. Não sonho como fazê-lo. Também não imagino tampouco. A toga que me veste neste momento, agasalha quem sabe dizer com o peito repleto de gratidão, muito agradecido a todos e a cada um, na unanimidade do acolhimento que traz a marca indelével da generosidade. Ser um imortal como membro da Academia Norte-riograndense de Letras é uma honraria que jamais ousaria sonhar e, muito menos, imaginar. Assumo com humildade e gratidão. Não sonhei, mas cheguei. Não imaginei, mas vocês me fizeram companheiros. Estamos juntos para agora e para sempre.

Muito obrigado a todos. Estou muito emocionado.

Agnelo Alves

10 de agosto de 2012



# **Necrológio**

## América: A claridade de uma estrela

*Anna Maria Cascudo Barreto*

A vida é feita de clarões, relâmpagos, estrelas que cortam o firmamento. Quem é do interior, acostumado a olhar para as montanhas e serras, conhece do assunto. Saber perceber e entender os sinais, os indícios, os prenúncios, fazendo deles seus aliados na construção dos caminhos.

Paulo Bonfim, “o Príncipe dos Poetas Brasileiros”, Academia Paulista de Letras, afirma: “ não somos um, somos múltiplos. Átomos ancestrais carregados de vidas remotas giram em torno do núcleo da nossa vontade”.

América, ao lado do seu amor, Vingt- Un Rosado, o Homem-Livro seguiu projeto de vida: manter no topo a cultura norte-rio-grandense. Ambos impulsionados por Luís da Câmara Cascudo, meu pai, o Farol que ilumina e protege os roteiros literários do Estado.

Convivendo com o mundo das letras, América atuou nos bastidores, mantendo a harmonia e o equilíbrio do marido, dos filhos, Fundação, Gráfica, Editora. Entrementes, participava como aglutinadora de uma trupe que batalhava pelo reconhecimento e interesse público do talento potiguar.

Não seguia métodos rígidos de trabalho. Vivia em constante processo criativo. Percorria as galerias da imaginação e regressava à superfície do dia-dia, o rosto verde da esperança.

A Serenidade tinha olhos azuis e os cabelos brancos

traziam velhas questões à tona, como a presença feminina marcante em todos os espaços. Mossoró, cujo primeiro historiador foi Luís da Câmara Cascudo, cidade que aprendi a amar e respeitar e já me concedeu título de Cidadania, é exemplo nacional de desenvolvimento em todos os setores. Naquele solo fértil em conquistas sociais e no respeito aos direitos dos homens e mulheres, onde reina a tolerância, mas se exige independência, lá a estrela de América floresceu, cresceu, brilhou.

Quando do lançamento do meu primeiro livro, constante de 103 biografias, pela Global Editora, São Paulo, em 2003, Vingt-Un me cobrou a humildade e a coragem de inscrever o nome como candidata à Academia Norte-rio-grandense de Letras, e o julgamento da vida e obra pelos imortais. Hoje, tenho a ventura de ter sido uma das fundadoras da Academia Feminina de Letras, em 2000; eleita para as Academias Norte-rio-grandense (2005), Brasileira de Arte, Cultura e História, (2005), Paulista (2006) e tomando posse, em dezembro de 2008, dentre quarenta fundadores da Academia de Letras Jurídicas, com vários livros publicados e participações em Congressos, como conferencista e oradora, além de Presidente do Instituto Câmara Cascudo – Ludovicus- instituição cujo objetivo é a preservação, divulgação e gerência do patrimônio cultural de Luís da Câmara Cascudo.

Sentia-me em débito com América, depois que o ícone cultural Vingt-Un, nos deixou em 21 de dezembro de 2005 para habitar constelação. Hoje ao lado do seu amigo inseparável, Luís da Câmara Cascudo, certamente nos energizam com suas mágicas energias.

E os confrades da Academia Norte-rio-grandense, tendo à frente seu Presidente Diógenes da Cunha Lima e o Vice-Presidente Paulo Macedo; Elder Heronildes, Armando Negreiros, Francisco Fausto de Medeiros, Ticiano Duarte, João Batista Pinheiro Cabral, parceiros no resgate merecido, de maneira unânime, compreenderam o desejo de perpetuar a emoção. Na nossa companhia, a Secretária Ana Maria Miranda. América Fernandes Rosado Maia tomou posse na Cadeira Número 38

da Academia. Foi no dia 13 de março de 2009, em Mossoró. A Academia, que há setenta anos funcionava na cidade do Natal, capital do Rio Grande do Norte, no belo gesto de compreensão e carinho, sagrou-a imortal. Oficializamos a continuidade da obra do seu marido inesquecível.

Sim, dizia Jorge Luís Borges, na “História da Eternidade”: “A vida é pobre demais para não ser também imortal”.

E Pierre Mille, em 1940, no famoso volume “O Escritor do Século XX” editado pela Academie Française, acrescenta: “A Academia é a prova antiga de que existem em nosso país, outros poderes e valores além do dinheiro e de política. É a reunião dos que amam as letras, daqueles cujas obras servirão de exemplo aos literatos e a comunidade em geral”.

Finalmente citaremos uma poesia de Longfellow, no livro “Um Salmo de Vida”: As vidas de todos os grandes homens lembram-nos/ Podemos tornar sublimes nossas vidas/ E, ao partirmos, deixar atrás de nós/ Pegadas nas areias do Tempo...

América Fernandes Rosado nasceu em Gimirim, Estado de Minas Gerais. Seu avô era político. Seu pai, Américo Brasil Fernandes, farmacêutico, Conselheiro. Vinham da aristocracia mineira. Valores rígidos, mas de diálogo fácil com os filhos. Verificando a necessidade de uma condição melhor para educar os herdeiros, o casal se mudou para Piracicaba e depois para Campinas. Lá Américo Fernandes fez concurso e foi professor universitário. Nossa biografada, após primeiro grau e o Curso pedagógico, foi em 1944 Professora Primária no Instituto Gammonn, preciosidade na educação do Estado Mineiro. Em Lavras, onde lecionava, conheceu Jerônimo Vingt- Un Rosado Maia.

O amor começou em dois de abril de 1944 durante um recital, ao som de “Sonho de Amor” de Liszt. Namoraram seis meses e estiveram noivos por três anos. América, no seu diário, classificava de um “autêntico oásis os encontros com Vingt-Un”. Sua filha, falando de ambos, diz que citado diário retrata bem o amor “lírico e delicado entre o casal”, acrescentando que acha que



o “pai precisava da mãe até para respirar”, e formavam um casal perfeito. ( Maria Lúcia Rosado Fernandes de Amaral. Páginas de um velho diário. Col. Mossoroense. Volume XXIII, 1980). Depois o noivo deixou a loira mineirinha e ambos casaram em São Paulo, no civil, por procuração, em 25 de setembro de 1947. A recém-casada voou via Panair São Paulo/Rio/Recife, onde a esperavam o marido e familiares. Casou-se no religioso já em Mossoró, na Igreja Alto da Conceição, no dia 04 de outubro, ela de formação evangélica e ele católico. Foi para a região de Mineração de Gesso de São Sebastião, atual município de Governador Dix-Sept-Rosado ( onde não tinha energia); logicamente houve um período de adaptação , especialmente biológica, pelos fatores clima-água. Mas América colocava acima de tudo seu coração, e tratou de retirar da situação o que nela havia de melhor, ou seja, andando a cavalo, lendo muito, fazendo amigos, entre a gente simples da região, passando época lá em Mossoró. Uma curiosidade: América foi a primeira mulher a dirigir um automóvel naquele município do oeste potiguar. Sempre pioneira

Uma história de amor que nem a morte conseguiu fenececer. Tiveram ao todo seis filhos. Um deles já está com o pai no coro dos anjos. Os outros, continuadores da tradição de inteligência familiar, são : Maria Lúcia, Jerônimo Dix- Sept Rosado Maia Sobrinho, Lúcia Helena, Leila e Isaura Ester. Hoje, noras, genros, netos e netas brilham em diversos setores funcionais, políticos, culturais e administrativos, demonstrando que a semente germinou. A árvore deu, dará e permanecerá frutificando, È a demonstração da genética do saber. Algo que Charles Darwin titulava como a permanência do superior no Tempo e no Espaço.

Sua primeira palestra foi no Rotary Clube, na presença de Mário Negócio, Secretário-Geral do Governador Dix-SeptRosado. Formou-se em Serviço Social em 1970 na Fundação da Universidade Regional de Mossoró. Foi secretária-geral da Escola Superior de Agricultura (1971), secretária da Congregação Esam, chefe do Departamento de Ciências Sociais; coordenadora da disciplina de estudos dos Problemas Brasileiros; professora de Sociologia Rural ( Escola Superior de Agricultura de Mossoró),

titular por concurso e coordenadora de Assistência ao Educando. Tem cursos de Dinâmica de Grupo, de Relações Humanas, de Comunidades Rurais Brasileiras ( Pós-Graduação em Nível de Mestrado – 10 créditos – 1972. Departamento de Ciências Sociais Aplicadas – USP – Piracicaba – SP); Curso de Sociologia e Extensão Rural – (Curso de Graduação ESALQ – Universidade de São Paulo – 1972 – Piracicaba- SP), além de centenas de cursos de cultura geral. Fez estágio na Escola de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de S. Paulo, 1969, no Conselho Federal de Educação, acompanhamento do Processo de Reconhecimento da Esam, em 1971, Brasília. Autora de diversos livros e plaquetes; destacamos “ Ação Precursora do RN”, quando do “I Curso de Extensão Cultural da Mulher Brasileira”, dando uma aula sobre a Instituição dos Direitos Políticos da Mulher para a ADESG: ( publicado na Revista Tempo Universitário UFRN, n º4 1977); “ Repercussões da Coleção Mossoroense” (1995); “Carlota Joaquina Maury” (1991); “Tia Lálá: Exemplo de Fé” (1995); “Há Setenta Anos, uma professora de Mossoró entrava para a História do Brasil”; entrevistas, conferências, depoimentos históricos.

Além do trabalho em verificação da infra-estrutura das 23 casas de estudantes – 268 alunos – ala masculina e ala feminina existentes na Escola. Assistência aos alunos, com palestras, a fim de manter o espírito de equipe, providenciando médicos, dentistas e setor laboratorial, para detectar possíveis focos de problemas.

Já mergulhava no mar profundo do resgate da Coleção Mossoroense, a maior editora de títulos do País e da Biblioteca Pública de Mossoró.

O Professor João Batista Cascudo Rodrigues, das Academias Norte Rio Grandense e de Brasília, lembrou, na sua Conferência pronunciada no IHGRN, em 10 de dezembro de 1999, um fato histórico. Deve-se ao Mestre do Estado, consagrado como um dos maiores do mundo, Luís da Câmara Cascudo, a visão de quem seria aquele jovem aluno do ginásio no Recife. Escreveu em 1938: “ Lembre-se que Mossoró ainda

não tem história, e você está na obrigação moral de ser o primeiro Mossoroense que levantará do olvido as tradições da sua grande terra. Vai para diante e não desanime com as ironias dos pessimistas e invejosos, espécie de lesmas que nem andam nem admitem que os outros andem”.

Vingt-Un confessou sua gratidão imorredoura, no discurso de posse da Academia, em Natal, 1987: “ Foi à aventura de um menino de vinte anos, estudante de ginásio, provocado e empurrado pela generosidade de Câmara Cascudo, que saudou meu primeiro livro com uma Acta Diurna, em 1940. Ano que em Mossoró, por seu intermédio, desencadeou a aventura da Cultura”.

Vingt-Un, ao lado de América e dos seus esforçados discípulos, como Caio Muniz, presença constante e atuante, desencadeou um trabalho pioneiro que resultou na iniciativa única no universo de uma editora que produziu mais de cinco mil livros.

América, escritora de renome, teve vida intelectual ativa e intensa. Pertenceu à Academia Mossoroense e a Academia Feminina. Com a nossa fala e beneplácito de todos os membros, penetrou no jardim secreto da imortalidade da Academia Master, a Norte-rio-grandense de Letras, nos moldes da cultura francesa.

E nós, seus jardineiros, a conduzimos através dos canteiros emocionais, com ligeireza do pensamento.

Recordamos d. América , que faleceu na madrugada de 21 de dezembro de 2009, exatamente quatro anos após a separação física do seu esposo – que nos deixou em 21 de dezembro de 2005 – consagrando um sentimento muito além da vida. Ela, que amava os crepúsculos, como seu amigo Cascudo.

Estamos nesta tarde/noite, sede da Academia Norte-rio-grandense de Letras, em parceria espiritual com diversas entidades culturais : Academia Feminina de Letras, presidida pela pesquisadora Zelma Medeiros, a Academia Mossoroense, tendo à frente o escritor Elder Heronildes, e o Instituto Histórico e

Geográfico do Rio Grande do Norte, que conta na Presidência o historiador e confradeiro Jurandir Navarro. Nossa homenagem faz parte do rol de sócios dessa tríade de mantenedores culturais.

A existência é tecida por despedidas, constante cortar de amarras, permanência de gestos decepados e de lágrimas que invadem o enigma da flor, conforme Paulo Bonfim, decano da Academia Paulista Letras.

A Imortalidade acadêmica não é dom da vida. Assegura a certeza de que autores ressuscitam diariamente, no sarcófago do estudo, renascido no afã literário de jovens talentos. Eternos pela valorização da sua obra. As lembranças os conservam presentes. Eles realmente, como rezam, “vivem no meio de nós...”

América, a cadeira 38 guardará a luminosidade do seu encanto.

Hosana !...

Natal, 21 de março de 2012.

## PATRONOS E ACADÊMICOS

Situação em abril de 2014

<b>Cadeira</b>	<b>Patrono</b>	<b>Primeiro Ocupante</b>	<b>Sucessores</b>
1	Padre Miguelinho	Adauto da Câmara	Raimundo Nonato da Silva, Sylvio Pedroza, Claudio Emerenciano
2	Nísia Floresta	Henrique Castriciano	Hélio Galvão, Grácio Barbalho, Ernani Rosado
3	Cons. Brito Guerra	Otto Guerra	José de Anchieta Ferreira
4	Lourival Açucena	Virgílio Trindade	Enélio Lima Petrovich, Agnelo Alves
5	Moreira Brandão	Edgar Barbosa	Ascendino de Almeida, Manoel Onofre Jr.
6	Luís Carlos Wanderley	Carolina Wanderley	Gumercindo Saraiva, João Batista Pinheiro Cabral
7	Ferreira Nobre	Antônio Soares	Mariano Coelho, Nestor dos Santos Lima
8	Isabel Gondim	Matias Maciel	Walter Wanderley, Nilson Patriota, Nelson Patriota (eleito)
9	Almino Afonso	Nestor Lima	Cristóvão Dantas, Humberto Dantas, Peregrino Junior, Dorian Gray Caldas
10	Elias Souto	Bruno Pereira	Paulo Macêdo
11	Padre João Maria	Januário Cicco	Onofre Lopes da Silva, Miguel Seabra Fagundes, Fagundes de Menezes, Paulo de Tarso Correia de Melo
12	Amaro Cavalcante	Juvenal Lamartine	Veríssimo de Melo, Oswaldo Lamartine de Faria, Paulo Bezerra
13	Luís Fernandes	Luís da Câmara Cascudo	Oriano de Almeida, Anna Maria Cascudo Barreto
14	Joaquim Fagundes	Antônio Fagundes	Raul Fernandes, Armando Negreiros
15	Pedro Velho	Sebastião Fernandes	Antonio Pinto de Medeiros, Eloy de Souza, Umberto Peregrino, Francisco Fausto.
16	Segundo Wanderley	Francisco Palma	Rômulo Wanderley, Maria Eugênia Montenegro, Eider Furtado de Mendonça e Menezes.
17	Ribeiro Dantas	Dioclécio Duarte	Aluizio Alves, Ivan Maciel de Andrade
18	Augusto Severo	Waldemar de Almeida	D. Nivaldo Monte, Pe João Medeiros Filho
19	Ferreira Itajubá	Clementino Câmara	Nilo Pereira, Murilo Melo Filho.
20	Auta de Souza	Palmira Wanderley	Mario Moacir Porto, Dorian Jorge Freire, José Hermógenes de Andrade Filho.

21	Antônio Marinho	Floriano Cavalcanti	Luiz Rabelo, Valério Mesquita.
22	Côn. Leão Fernandes	Côn, Luís Monte	D. José Adelino Dantas, Côn. Jorge Ó Grady de Paiva, Côn. José Mário Medeiros.
23	Antônio Glicério	Bezerra Júnior	Othoniel Meneses, Jaime dos G. Wanderley, Iaperi Araújo
24	Gothardo Neto	Francisco Ivo Cavalcante	Antídio Azevedo, Antônio Soares Filho, Tarcísio Medeiros, Sônia Fernandes Ferreira
25	Ponciano Barbosa	Aderbal de França	Inácio Meira Pires, João Wilson Mendes Melo
26	Manoel Dantas	José Augusto Bezerra de Medeiros	Diógenes da Cunha Lima
27	Aurélio Pinheiro	Américo de Oliveira Costa	Vicente Serejo
28	Padre João Manoel	Paulo Viveiros	Jurandyr Navarro
29	Armando Seabra	Esmeralda Siqueira	Itamar de Souza
30	Mons. Augusto Franklin	Manoel Rodrigues de Melo	Aluísio Azevedo, Diva Cunha.
31	Padre Brito Guerra	José Melquíades	Pedro Vicente Costa Sobrinho, Leide Câmara (eleita)
32	Francisco Fausto	Tércio Rosado	João Batista Cascudo Rodrigues, João Batista Machado.
33	Tonheca Dantas	Oswaldo de Souza	Hypérides (Peri) Lamartine
34	José da Penha	Alvamar Furtado	Lenine Pinto.
35	Juvenal Antunes	Edinor Avelino	Gilberto Avelino, Ticiano Duarte.
36	Benício Filho	João Medeiros Filho	Olavo de Medeiros Filho, José Augusto Delgado.
37	Jorge Fernandes	Newton Navarro	Luís Carlos Guimarães, Elder Heronildes
38	Luís Antônio	José Tavares	Vingt-un Rosado, América Rosado, Benedito Vasconcelos Mendes.
39	Damasceno Bezerra	Raimundo Nonato Fernandes	Marcelo Navarro Ribeiro Dantas (eleito).
40	Afonso Bezerra	Sanderson Negreiros	





Este livro foi impresso em cartão Duo Design 250g. (capa) e Book Millennium Bold 80g. (miolo) pela Offset Editora, Natal/RN, em junho de 2014.

[www.offsetgrafica.com.br](http://www.offsetgrafica.com.br)